

Joana Casaca Faias

Relação entre Violência nas Relações de Namoro
e Violência no Contexto Familiar



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Joana Casaca Faias

Relação entre Violência nas Relações de Namoro
e Violência no Contexto Familiar



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Joana Casaca Faias

Assinatura: _____

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Jurídica, sob orientação da Prof.^a Doutora Sónia Caridade e do Prof. Doutor Jorge Cardoso (Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz).

Resumo

O estudo da relação entre a violência no namoro e a exposição/vitimação de violência interpessoal tem despertado o interesse sobretudo por parte da comunidade científica internacional, a qual documenta existir uma relação positiva. Não obstante, a comunidade científica portuguesa tem-se dedicado essencialmente à caracterização da prevalência destes fenómenos, negligenciando a análise da relação entre eles. O presente estudo procura, assim, colmatar a lacuna existente ao procurar analisar a relação entre a violência ocorrida nas relações de intimidade dos jovens adultos e a violência experienciada no seio familiar. Para o efeito recorreremos a dois instrumentos de autorrelato: Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS) para avaliar a prevalência das tipologias de violência no namoro e a Escala de Sinalização do Ambiente Familiar Natural Infantil (S.A.N.I) para caracterizar o ambiente familiar dos participantes, os quais foram disponibilizados numa plataforma *online* – *Google Docs*. Esta investigação contou com uma amostra de 505 participantes (dos quais 80.6% pertenciam ao sexo feminino) com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos ($M = 21.76$; $D.P. = 2.15$), em que todos os participantes já tinham pelo menos uma experiência amorosa. Os resultados obtidos demonstram que existem altas taxas de prevalência da violência nas relações amorosas atuais, tanto na perpetração como na vitimação, onde a tipologia mais frequente é a agressão psicológica (52.3% - 50.4% respetivamente), seguida da coerção sexual (28.5% - 33.6% respetivamente), o abuso físico sem sequelas (22% - 21.4% respetivamente) e por fim, de forma menos expressiva, mas ainda assim preocupantes, registamos o abuso físico com sequelas (3.8% - 3% respetivamente). As únicas diferenças estatisticamente significativas encontradas a nível de género, foram no padrão da perpetração, nomeadamente na coerção sexual, e em que os rapazes (46%) se

identificam como sendo os principais perpetradores desta forma de violência. Foram sinalizados nos contextos familiares dos participantes elevadas taxas de violência (80.8%), onde a mais prevalente foi a violência emocional (74.3%), de seguida o controlo (65.9%), a coerção (34.5%) e por fim, a violência física (16.4%). Não foram detetadas diferenças de género estatisticamente significativas. As análises de associação demonstram que existe uma relação positiva entre a violência no namoro e a exposição à violência interparental, tanto na vitimação (quem está exposto a abuso emocional, coerção, controlo e abuso físico na família) como na perpetração (quem está exposto a abuso emocional, controlo e coerção na família). Os resultados encontrados mostram que é necessário maior investimento na área para entender o fenómeno e criar medidas de prevenção e intervenção junto das famílias de modo a diminuir as taxas elevadas encontradas.

Palavras-chave: Relações Amorosas; Violência no Namoro; Violência Interparental; Jovens Adultos.

Abstract

The study of the relationship between dating violence and exposure/ victimization interparental violence, has aroused interest especially from the international scientific community, which documents exist a positive relationship. Nevertheless, the Portuguese scientific community has devoted essentially to assess the prevalence of these phenomena, neglect of the relationship between them. This study therefore seeks to bridge the gap when looking to analyze the relationship between the violence experienced within the family. We used for this purpose two self – report questionnaires: the Conflict Tactics Scales (CTS -2) to evaluate the prevalence of violence typologies of intimate abuse and the Children’s Family Environment Natural Signaling Scale (S.A.N.I.) to characterize the family environment of the participants, which were available an *online platform* – Google Docs. This research involved a sample of 505 participants (80.6% female) with age between 18 and 25 years ($M = 21.76$; $S.D = 2.15$), in which all participants have had at less a romantic experience. The results showed that there are high rates of violence present romantic relationships, both in the perpetration and victimization, where the most frequent type is psychological abuse (52.3% - 50.4%, respectively), followed by sexual coercion (28.5% - 33.6%, respectively), physical abuse without sequelae (22% - 21.4%, respectively) and finally, the physical abuse with sequelae comes to be the least prevalent (3.8% - 3%, respectively). The only statistically significant differences found of gender level, where the standard perpetration, particularly sexual coercion, where the boys (46%) as the main perpetrators arise. Family contexts in the participants were flagged high levels of violence (80.8%), which was the most prevalence emotional violence (74.3%), soon after then the control (65.9%), coercion (34.5%) and finally, violence physical (16.4%).

However, it wasn't detected statistically significant differences in relation to gender. The association analyzes show that there is a positive relationship between dating violence and exposure to violence interparental, in both victimization (who are exposure to emotional abuse, coercion, control and physical abuse in the family) as the perpetration (who is exposed to emotional abuse, control and coercion in the family). The results show a need for higher investment in the area to understand the phenomenon and create prevention and intervention measures with families in order to reduce the high rates found.

Keywords: Romantic relationships; Dating violence; Interparental violence; Young adults.

Agradecimentos

À Professora Doutora Sónia Caridade, pela notável orientação nesta dissertação. Agradeço todo o empenho, a dedicação, a transmissão de sabedoria e contributos valiosos na construção deste estudo. Todo o rigor e exigência, que me permitiu crescer enquanto pessoa e futura profissional. Agradeço ainda, toda a disponibilidade, apoio incondicional, motivação e incentivos para que a conclusão ocorresse nos *timings* previstos.

Ao Professor Doutor Jorge Cardoso, pela sua orientação nesta dissertação, pelos contributos dados na execução da mesma e pelos excelentes conhecimentos científicos e mestria que sempre me transmitiu ao longo de todo o meu percurso académico, os quais permitiram crescer enquanto pessoa e ajudarão a nível profissional.

À minha mãe, pai e irmã. Que sem eles nada disto seria possível. Pelo amor que me dão, pelos valores e ideais inculcados. Por sempre acreditarem em mim, incentivarem-me na minha caminhada e ajudarem-me a não desistir ao primeiro instante.

Ao Flávio pelo companheirismo, pelo amor, pelo carinho e por toda a compreensão de algumas ausências minhas. Que sempre esteve à retaguarda a amparar desmotivações e a transmitir palavras de incentivo nas horas certas e de continuação a perseguir os meus sonhos.

Às minhas colegas e amigas Joana Tainha e Silvana Gomes, companheiras no mesmo trilho, agradeço os momentos de desabaços, de partilhas, de força e

incentivos no decorrer desta dissertação, de forma que a desmotivação nunca falasse mais alto.

Às minhas colegas, mas principalmente amigas, Inês Marques Santos e Ana Rita Jorge, pelos anos de companheirismo, pela partilha de momentos alegres e menos alegres, partilha de conhecimentos e essencialmente pela vossa amizade.

À minha colega Ana Isabel Lopes pela ajuda, pelas injeções de motivação e incentivos na finalização desta dissertação.

À Margarida Cardoso, à Inês Santos, à Sandra Santos, amigas de longa data, que sempre à retaguarda, compreenderam os meus momentos de ausência e transmitiram sempre palavras encorajadoras, transmitidas nos momentos certos. Mostram-me sempre o verdadeiro significado de amizade.

Aos participantes desta investigação, agradeço toda a vossa atenção, vontade e disponibilidade em participar neste estudo.

A todos o meu obrigado!

Índice

| | |
|-------------------|------|
| Resumo | V |
| Abstract | VII |
| Agradecimentos | IX |
| Índice de Quadros | XIII |
| Índice de Tabelas | XIV |
| Índice de Anexos | XV |
| Introdução | 1 |

PARTE I – Enquadramento Teórico

| | |
|---|----|
| Capítulo I – 1. Violência no namoro | 4 |
| 1.1. Violência no namoro: Definição enquadramento legal. | 4 |
| 1.2. Estudos de prevalência: Internacionais e nacionais. | 6 |
| 1.3. A violência no namoro e o sexo. | 15 |
| 1.4. Fatores de risco inerentes à violência no namoro. | 16 |
| 1.5. Teoria intergeracional de violência. | 19 |
| 1.6. Impacto/consequências da violência no namoro. | 21 |
| Capítulo II – 1. Estudos de prevalência sobre a relação entre violência no namoro e a violência interparental | 22 |
| Introdução | 22 |
| 1.1. Localização geográfica dos estudos. | 46 |
| 1.2. Método utilizado. | 46 |
| 1.2.1. <i>Características e objetivos dos estudos.</i> | 46 |

| | |
|---|----|
| 1.2.2. <i>Características da amostra.</i> | 47 |
| 1.2.3. <i>Instrumentos utilizados.</i> | 49 |
| 1.2.4. <i>Resultados.</i> | 51 |
| 1.2.5. <i>Síntese e discussão dos resultados.</i> | 54 |

PARTE II – Componente Empírica

| | |
|--|----|
| 1. Objetivos do estudo | 61 |
| 2. Método | 61 |
| 2.1. Amostra. | 62 |
| 2.2. Instrumentos. | 63 |
| 2.3. Procedimentos. | 66 |
| 2.4. Análise dos dados. | 67 |
| 3. Apresentação dos resultados | 68 |
| 3.1. Prevalência do abuso íntimo nos participantes. | 68 |
| 3.2. Prevalência do abuso íntimo e género dos participantes. | 69 |
| 3.3. Caracterização das experiências abusivas que os jovens experienciam no seu contexto familiar. | 71 |
| 3.4. Relação entre experienciar violência nas relações íntimas em jovens e a experienciação de violência no seio familiar. | 73 |
| 4. Discussão dos resultados | 75 |
| 5. Conclusões | 81 |
| 6. Referências | 84 |

Anexos

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1. Síntese dos estudos internacionais sobre a relação entre a violência nas relações amorosas e exposição à violência interparental. | 24 |
| Quadro 2. Síntese dos estudos nacionais sobre a relação entre a violência nas relações amorosas e exposição à violência interparental. | 42 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos participantes (N = 505) | 63 |
| Tabela 2. Prevalência do abuso psicológico, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual (N = 369) | 69 |
| Tabela 3. Associação entre o abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual) e o sexo dos participantes (N = 369) | 71 |
| Tabela 4. Frequência da exposição/vitimação às tipologias de violência interparental (N = 505) | 72 |
| Tabela 5. Correlação entre a exposição/vitimação de violência interparental (violência física, violência emocional, coerção e controle) e o sexo dos participantes (N = 505) | 73 |
| Tabela 6. Correlação entre o abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual) e a exposição/vitimação de violência interparental (abuso físico, abuso emocional, coerção e controle) | 75 |

Índice de Anexos

Anexo A. Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2)

Anexo B. Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I.)

Anexo C. Declaração de Consentimento Informado

Introdução

A prática da violência no namoro não é um problema social recente. Através de uma análise retrospectiva, verifica-se que esta prática de violência é comum desde os tempos mais remotos e que apenas começou a demonstrar maior relevância a partir dos anos 60. Desde então, verifica-se uma maior preocupação em relação à violência existente nas relações amorosas, o que tem motivado diversos investigadores a explorarem esta temática (Caridade, 2008).

A investigação pioneira nesta área teve a autoria de James Makepeace, realizado nos Estados Unidos da América em 1981, e a qual veio comprovar que 21% dos participantes já tinham sido vitimizados ou tinham perpetrado violência física nas suas relações amorosas e ainda que 61% dos participantes conheciam alguém que sofrera de vitimação nas suas relações amorosas (Makepeace, 1981).

Esse foi o estudo impulsionador e que permitiu dar ênfase aos estudos sobre violência no namoro internacionalmente, uma vez que através dos resultados obtidos, o fenómeno da violência no namoro começou a ser progressivamente considerada como uma problemática social e merecedor de atenção. No entanto, já outras investigações foram realizadas e tem sido notável o crescimento e o considerável investimento em estudos sobre a violência nas relações de namoro (Caridade, 2011; Paiva & Figueiredo, 2003).

Mais tardiamente, concretamente a partir dos anos 90, é que a nível nacional se começou a denotar uma carência e elevada preocupação em analisar/avaliar a gravidade e dimensão deste problema não só pela preocupação da alta prevalência do fenómeno como também das graves causas e consequências inerentes no bem-estar e percurso dos jovens (Caridade & Machado, 2006; Caridade, 2011).

Atualmente, a violência no namoro é um fenómeno reconhecido na sociedade, sendo mesmo conceptualizado como um problema social que atinge níveis preocupantes entre jovens de diferentes níveis formativos, socioeconómicos e raciais (Caridade, 2013).

Desde então, por a violência nas relações juvenis terem sido qualificadas como sendo uma temática cada vez mais preocupante a nível social, conseqüentemente começou a ser progressivamente abordada e estudada, a fim de se entender qual a sua prevalência e dimensão (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003).

A pertinência deste estudo surge não só devido a um interesse pessoal, como também devido ao interesse em ampliar a investigação no âmbito da violência no namoro, para além da caracterização da prevalência do fenómeno, procurando perceber a relação deste com a violência ocorrida no contexto familiar.

Apesar da escassa informação sobre o tema encontrada a nível nacional, tentámos sempre analisar estudos (nacionais e internacionais) não apenas recentes mas também mais antigos, de forma a ser possível analisar a problemática num espaço temporal considerável.

Neste sentido, o objetivo desta dissertação de mestrado é analisar de que forma é que os comportamentos violentos ocorridos nas relações de namoro estão associados à violência experienciada, direta ou indiretamente, no ambiente familiar.

Esta dissertação é composta por duas componentes distintas: a componente teórica referente à revisão da literatura sobre o tema e a qual está organizada em capítulos e outra que retrata o estudo empírico. No primeiro capítulo teórico, apresentamos uma revisão de literatura sobre a violência no namoro, onde iniciamos com um enquadramento conceptual e legal, explorando também alguns estudos de

prevalência do fenômeno (internacionais e nacionais), os fatores de risco inerentes à violência no namoro e por fim, os impactos/consequências da violência no namoro. O segundo capítulo teórico apresenta uma revisão mais estruturada e específica sobre os estudos que procuraram analisar a relação entre a violência no namoro e a exposição/vitimação de violência interparental. Na componente empírica, apresentamos de forma descritiva o nosso estudo, identificando os objetivos, o método (a amostra, os instrumentos utilizados, os procedimentos efetuados), os resultados obtidos e a discussão realizada através destes. Finalizamos este capítulo, identificando as potencialidades do estudo e respectivas limitações na sua implementação, sugerindo igualmente pistas para a investigação futura e implicações para a prática interventiva.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I - Violência no namoro

1.1. Violência no namoro: Definição e enquadramento legal.

As relações amorosas constituem um marco importante no desenvolvimento pessoal de qualquer adolescente e jovem, na medida em que transmitem oportunidades para exploração pessoal, satisfação de necessidades (nomeadamente companheirismo, intimidade e autonomia), existindo uma aprendizagem de papéis práticos e sociais necessários para a idade adulta e também para futuros relacionamentos conjugais (Ehlert, 2007; Furman & Wehner, 1997; White, 2009).

Tem sido igualmente defendido que se trata de um período particularmente propício ao desenvolvimento de crenças e atitudes sobre relacionamentos e abuso de poder, os quais irão servir de base para a evolução de competências e modelos de comportamentos (Wolfe & Feiring, 2000 citado por Ferreira, 2011).

Contudo, a violência nas relações íntimas é uma problemática bastante antiga que remonta em largos anos de existência, com repercussões que afetam não só a nível social, como também física e psicologicamente (Moura, 2012).

Devido à existência de complexidades inerentes à definição de violência, bem como na complexidade apresentada nas variáveis em estudo, tem sido documentada uma certa dificuldade de compreensão desta temática. Tal prende-se, desde logo, com o facto de não existir uma definição universal/única de violência no namoro, divergindo de autor para autor (Moura, 2012).

Assim, Sugarman e Hotaling (1989 citados por Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps e Kub, 2003) apresentam uma definição simples de violência no

namoro, considerando-a como uma prática ou ameaça de atos de violência por parte de um parceiro amoroso para o outro.

Por sua vez, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) reforça referindo que a violência no namoro consiste em “atos abusivos de violência entre duas pessoas numa relação de intimidade com o intuito de se colocar numa posição de poder e dominação sobre a outra, de magoar e/ou controlar” (APAV, 2011).

Ainda de forma complementar, Stonard, Browen, Lawrence e Price (2014) referem tratar-se de uma série de comportamentos violentos, abusivos ou ameaçadores, onde incluem a violência física, psicológica/emocional ou sexual, direcionados para um/a parceiro/a romântico. Para além de que, os comportamentos também podem ser considerados de controladores/domínio onde causam dano, dor ou lesão na vítima.

A violência no namoro poderá contemplar três grandes tipos de violência: física, psicológica/emocional e sexual. Em relação à violência física, e segundo Leen *et al.* (2013), trata-se do uso intencional da força física a outrem onde poderá potencialmente existir uma morte, incapacidade, injúria ou dano. Os comportamentos associados a esta tipologia são murros, bofetadas, mordeduras, tentativas de estrangulamento e/ou empurrões (Moura, 2012).

No que respeita à violência psicológica/emocional, trata-se de uma tipologia recorrida frequentemente e segundo Leen *et al.* (2013), trata-se de um tipo de violência que envolve diversos traumas originados por ameaças ou táticas coercivas. Esta forma de violência inclui outros comportamentos abusivos, nomeadamente a humilhação ao parceiro, o controlo, a privação do parceiro a determinadas informações, o danificar algo deliberadamente a fim de provocar na vítima vergonha

ou sentimento de inferioridade, o isolamento de amigos ou familiares, a negação ao acesso a dinheiro e também alguns comportamentos de perseguição, entre outros. Apesar de não deixar marcas corporais visíveis, esta tipologia define-se por deixar diversas cicatrizes irreversíveis a nível emocional.

Por fim, a violência sexual engloba todos os comportamentos que envolvam o uso de alguma força física a fim de obrigar o parceiro a envolver-se num ato sexual contra a sua vontade (Leen *et al.*, 2013). No entanto, este tipo de violência não necessita apenas da existência de um contacto físico, podendo estar referenciado na mesma caso ocorram assédios, atos sexuais de relevo ou discriminação sexual (Moura, 2012).

Apesar da violência no namoro ser uma prática muito frequente nas relações atuais, este tipo de comportamentos está contemplado no Código Penal Português como sendo um crime. Fazendo parte integrante do tipo legal de violência doméstica, a violência no namoro encontra-se no artigo 152º, nº1, alínea b), sendo citado o mesmo: “Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação”.

1.2. Estudos de prevalência: Internacionais e nacionais.

Diversas têm sido as investigações que comprovam e demonstram que as experiências de violência no namoro, sejam física, psicológica ou sexual, são uma realidade muito frequente em relações atuais ou passadas (Caridade & Machado, 2006; Cuevas, Sabina, & Bell, 2014; Fernández – González, O’Leary, & Muñoz-

Rivas, 2014; Ferreira, 2011; Hickman *et al.*, 2004; Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan, & Silva, 1997 citados por Ferreira, 2011). Os estudos internacionais estimam que a prevalência da violência no namoro poderá situar-se entre os 22% e os 80% (Fagan & Silva, 1997 citados por Ferreira, 2011; Hickman *et al.*, 2004; Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan, & Silva, 1997; Straus, 2004).

Segundo Paiva e Figueiredo (2004), um tipo de violência que se inicie na fase de namoro, geralmente tende a continuar e a prosseguir para futuras relações maritais. Fazendo sentido e sendo necessário que se aposte em investigações nas relações amorosas, tentando perceber e identificar se existem comportamentos abusivos e caso afirmativo quais, para que possam ser criadas prevenções o mais precocemente possível.

Em relação à tipologia de violência mais usual nas relações de namoro, apesar de existir alguma discordância na literatura, a maioria refere a mesma, tanto na perpetração como na vitimação. Segundo Ferreira (2011), o tipo de violência mais frequente nas relações amorosas são os comportamentos emocionalmente abusivos, tanto na perpetração como vitimação, 60.6% e 57.6%, respetivamente. Também com grande preponderância, os comportamentos fisicamente abusivos estão usualmente presentes, 48.2% e 33.6%, respetivamente. Embora com muito menos frequência, mas não de forma negligenciável, são os comportamentos sexualmente abusivos registados em 1.8% e 4.8%, respetivamente. De acordo temos Caridade (2011), onde o tipo de violência mais usual nas relações amorosas são os comportamentos emocionalmente abusivos (19.5%), seguido de comportamentos fisicamente abusivos (13.4%).

Um estudo recente de Fernández – González et al. (2014), refere que a tipologia mais frequente nas relações amorosas, elevando-se de forma esmagadora, são os comportamentos psicologicamente abusivos (90%), seguido de comportamentos fisicamente abusivos (40%) e por fim, comportamentos sexualmente abusivos.

Relativamente à prevalência de perpetração e vitimação de violência nas relações amorosas a nível internacional, Foshee e Arriga (2004) realizaram um estudo longitudinal com 526 participantes, e neste conseguiram apurar que a violência tem tendência em aumentar no tempo. Ou seja, no início da investigação, 20% dos participantes admitiram que já tinham recorrido à violência nas suas relações amorosas. Passados seis meses, a taxa tinha aumentado para 32%. O mesmo aconteceu com o padrão de vitimação, onde no início do estudo 36% referiu que já tinha sido vitimado por algum tipo de violência nas suas relações amorosas e passados seis meses esta tinha aumentado para 48%.

A investigação de Collin-Vézina, Hébert, Manseau, Blais e Fernet (2006), conduzido no Canadá, teve o objetivo de analisar qual a prevalência das tipologias de violência no namoro e avaliar se estas experiências se relacionavam com o seu autoconceito. Para isso, contaram com uma amostra de 220 participantes adolescentes do género feminino e que estavam inseridas no Sistema de Proteção da Criança. Como resultados obtiveram que a maioria das raparigas já tinha sofrido algum tipo de vitimação nas suas relações amorosas, sendo que a menos prevalente terá sido a violência física tipificada como severa (24.4%) e a mais prevalente a agressão psicológica (81.5%).

Um outro estudo do ano 2006, realizado nos Estados Unidos da América por O'Donnell, Stueve, Myint – U, Duran, Agronick e Wilson - Simmons, tinha como objetivo analisar qual a prevalência de violência no namoro. Com uma amostra de 977 participantes com idades compreendidas entre os 19 e 20 anos, obtiveram que 35% das raparigas e rapazes admitiram que já tinham sofrido uma ou mais formas de violência no namoro. Respeitante à perpetração, 35% das raparigas e 22% dos rapazes admitiram que já tinham recorrido a uma ou mais formas de violência.

A investigação de Muñoz – Rivas, Graña, O'Leary e González (2007) teve o intuito de avaliar a prevalência de comportamentos verbais e agressivos em relações amorosas em adolescentes espanhóis. Integraram na amostra do estudo, 2.416 participantes com idades compreendidas entre os 16 e 20 anos. Neste verificaram que as mulheres admitiram perpetrar maioritariamente violência verbal (95.3% vs. 92.8%), embora os homens tenham admitido estar mais envolvidos em violência física tipificada como severa. As mulheres admitiram que atacavam os seus parceiros por serem influenciadas por estados emocionais de raiva intensos (22.4% vs. 13.9%) e os homens reagiam às agressões de que tinham sido alvo (13% vs. 6.6%).

Já o estudo de Richards e Branch (2012), com uma amostra de 970 participantes, verificaram que 21% dos participantes admitiram ter experienciado vitimação de algum tipo de violência nas suas relações e 23% referiram que já tinham recorrido ao uso de algum tipo de violência.

Um estudo realizado no Brasil por D'Abreu, Krahe e Bazan (2013), tinha como principal objetivo averiguar a prevalência da violência sexual em jovens estudantes com idades a partir dos 14 anos. Tendo por base uma amostra de 742

participantes, verificaram que as mulheres são as mais vitimizadas em relação aos homens (29% vs. 27%) e que os homens são os que mais recorrem, de forma bastante significativa, à perpetração de violência sexual (33.7% vs. 3%).

Um estudo realizado em Espanha, da autoria de Castañeda, Grande, Díez – Gañán, Sonogo e Gavín (2014), teve o objetivo de estimar qual a prevalência de violência no namoro segundo o género e verificar qual a sua associação com os fatores de risco para a saúde. Neste estudo participaram 3.377 sujeitos com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos. O género feminino admitiu com maior frequência vitimação de violência sexual (5.3% vs. 2.4%) e também de violência física e/ou sexual (7.1% vs. 5.1%). O género masculino demonstrou maior vitimação de apenas violência física (2.9% vs. 4.0%).

Um outro estudo realizado na Nigéria por Umana, Fawole e Adeoye (2014), consistia em analisar a prevalência de violência em relações de intimidade de raparigas estudantes (graduadas e pós – graduadas) da instituição de ensino superior. Constatou numa amostra de 1.355 participantes e concluíram que a tipologia de violência mais frequente na vitimação era a violência psicológica (41.8%), seguida de violência física (7.9%) e por fim, a violência sexual (6.6%).

A nível nacional, o estudo considerado pioneiro neste domínio terá sido conduzido por Susana Lucas (2002), e o qual procurou estudar a prevalência da agressividade em adolescentes. Para isso, contou com 925 participantes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, tendo concluído que os rapazes demonstram maioritariamente comportamentos agressivos fisicamente, enquanto as raparigas admitem recorrer mais frequentemente à violência verbal (Lucas, 2002).

O estudo de Paiva e Figueiredo (2004) teve o intuito de analisar a prevalência de violência nas relações amorosas, tanto na perpetração como na vitimação e contou com 318 participantes com idades compreendidas entre os 19 e os 39 anos. Neste concluíram que o tipo de violência mais prevalente nas relações amorosas, tanto na perpetração como na vitimação, da sua amostra seria a violência psicológica (53.8% - 50.8% respetivamente), em segundo a coerção sexual (18.9% - 25.6% respetivamente), em terceiro a violência física sem sequelas (16.7% - 15.4% respetivamente) e por fim, a menos reportada terá sido a violência física com sequelas (3.8% - 3.8% respetivamente). Este estudo permitiu ainda verificar que os sujeitos que sofreram de algum tipo de vitimação nas suas relações amorosas tinham também uma grande probabilidade em serem igualmente perpetradores.

O estudo de Oliveira e Sani (2005) procurou analisar as tipologias de violência psicológica e física em estudantes universitários, tendo por base uma amostra com 227 participantes. Neste estudo, dos jovens que indicaram estar envolvidos no momento da recolha de dados em relações amorosas, 52% referiu já ter adoptado comportamentos violentos e 42% admitiu ter sido vítima de algum tipo de violência. Já no que se refere aos relacionamentos anteriores, 33% dos participantes admitiu que já tinha praticado pelo menos um ato abusivo e 41% afirmou que já tinha sofrido de algum tipo de vitimação.

O estudo de Mendes (2006) envolveu uma amostra de 354 participantes de uma faixa etária bastante alargada (com idades compreendidas entre os 17 e os 37 anos). Tomando em consideração as relações amorosas atuais, 14.4% dos seus participantes referiram que já tinham recorrido à perpetração de violência entre uma ou mais vezes e 12.1% admitiu ter sido vitimado nas suas relações. Respeitante às

relações anteriores, 17.5% reconheceu que já tinha perpetrado comportamentos abusivos e 21.5% admitiu vitimação nas suas relações amorosas.

Um outro estudo, da autoria de Costa (2006), procurou analisar os comportamentos abusivos e crenças acerca da violência nas relações amorosas. Para tal recorreu a uma amostra de 345 participantes com uma média de idades de 21 anos, em que todos eram estudantes universitários. Neste apurou que para a perpetração e vitimação, a tipologia de violência prevalente era a agressão psicológica (69% - 61.4% respetivamente), em segundo o abuso físico sem sequelas (28.1% - 26.7% respetivamente), em terceiro (19.8% - 24.4% respetivamente) e por fim, o menos reportado o abuso físico com sequelas (5.6% - 5.9% respetivamente). Este estudo demonstrou que o género masculino surge como sendo o mais vitimado nas relações amorosas.

A investigação de Costa e Sani (2007) examinou a prevalência das tipologias de violência no namoro, nos padrões de perpetração e vitimação, a partir de 345 estudantes universitários, também com uma faixa etária abrangente compreendida entre os 18 e os 40 anos. Concluíram que a ordem das tipologias prevalentes na perpetração e vitimação terão sido a violência psicológica (69% - 61.4% respetivamente), em segundo o abuso físico sem sequelas (28% - 26.7% respetivamente), em terceiro a coerção sexual (19.8% - 24.4% respetivamente) e em último lugar, a menos referida mas não inexistente o abuso físico com sequelas (5.6% - 5.9% respetivamente).

Uma das maiores investigações realizadas nacionalmente foi conduzida por Caridade (2011), o qual contemplou numa amostra de grandes dimensões (4667 participantes) e de diferentes contextos formativos e geográficos. Neste verificou

que 25.4% dos jovens relataram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo, no último ano, e 30.6% assumiram ter adotado algum tipo de comportamento abusivo face ao companheiro íntimo atual, no ano anterior à recolha de dados.

A investigação de Barros (2014) pretendia analisar a associação entre a violência existente nas relações íntimas juvenis e a existência de ideação e comportamentos suicidas. Com base em 262 participantes, apuraram que a tipologia mais frequente foi o abuso psicológico, tanto na perpetração (51.1%) como na vitimação (45.4%). Em segundo lugar, a coerção sexual com 22.5% dos inquiridos a admitir perpetração e 24.4% a admitir vitimação. Em terceiro, embora não com tanta frequência, o abuso físico sem sequelas, em que 17.9% dos participantes admitiram recorrer ao uso de violência e 16% a admitir vitimação nas suas relações. A tipologia menos frequente terá sido a tipologia física com sequelas, onde 3.4% admitiu o recurso ao uso de violência e outros 3.4% referiram vitimação desse mesmo tipo de violência. Neste, unicamente, foram encontradas diferenças de sexo a nível da coerção sexual, onde os rapazes assumiram maioritariamente perpetração de violência (45.8%) e também de vitimação (32.3%).

O mais recente estudo nacional sobre esta temática foi realizado pela UMAR, nomeadamente por Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, Oliveira e Ribeiro (2013), onde contemplou 894 jovens do ensino básico e secundário na região do Porto. Neste apuraram que 35% dos jovens admitiram já ter sofrido pelo menos um tipo de violência no namoro. Nomeadamente, 33% das raparigas e 36% dos rapazes admitiram algum tipo de vitimação.

No que diz respeito às tipologias, 16% admitiu já ter sofrido de violência verbal e 4.5% referiu ter sofrido de violência física. Na violência psicológica, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação ao sexo.

Em relação à reciprocidade de violência, Ferreira (2011), apurou que esta acontece na grande maioria das relações amorosas (51.8%) ou seja, quem perpetra violência geralmente também sofre de vitimação na mesma relação. Verificou ainda que 30% dos inquiridos foram classificados como ofensores e 18.2% como vítimas, de pelo menos um comportamento abusivo face ao companheiro íntimo. Recentemente surge também Fernández – González, O’Leary, e Muñoz – Rivas (2014) a defender esse conceito, ou seja, o vitimizado numa relação responde com violência ao seu parceiro. Afirmam que a violência psicológica é aquela onde mais frequentemente isso acontece (96.7% para o género feminino e 95.9% para o género masculino).

Apesar de existirem diversos tipos de violência no namoro, é notório que a menos frequente nas relações amorosas foi o *Stalking* (1%) (Cuevas, Sabina, & Bell, 2014). Esta percentagem não se deve apenas ao facto de não existir nas relações, mas sim por se dever ao facto do desconhecimento do tema perante a sociedade e também por passar despercebido como demonstrações de amor (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006). Estima-se que a vitimação de violência, na maioria das vezes, surge após a existência de uma discussão (51.8%), onde por consequência a violência é originada primeiramente proveniente do parceiro (25%) ou quem admita que tome a iniciativa em agredir o parceiro (23.2%). Posto isto, a violência surge na maioria das vezes uma tentativa de resolução de conflitos, após a existência de uma discussão (Ferreira, 2011).

1.3. Violência no namoro e o sexo.

A questão que mais tem levantado discussão entre os estudos realizados sobre a violência no namoro relaciona-se com a distribuição da violência em função do género, quer se trate de vitimação quer de perpetração (Caridade, 2011).

Assim sendo, através da análise realizada à literatura, constatamos existir uma grande variabilidade de resultados encontrados, não sendo possível afirmar peremptoriamente o género mais vitimado ou com maior recurso a comportamentos abusivos (Caridade, 2011). A verdade é que há estudos (e.g., Costa, 2006; Straus, 2004) que defendem que o género mais vitimado ou com maior recurso à perpetração é o género feminino, no entanto outros (e.g., Foshee, 1996; Oliveira e Sani, 2005; Paiva e Figueiredo, 2003) referem que se trata do género masculino ou ainda que não existem diferenças entre sexos.

Apesar de existirem estudos onde a conclusão é não existirem relações significativas entre o envolvimento em violência no namoro e o sexo (Ferreira, 2011), isso não se torna regra geral em todos os estudos.

A investigação pioneira neste domínio, nomeadamente já referenciado, foi pela autoria de Makepeace (1981), onde era reportado que as raparigas tinham maior probabilidade em relatar episódios de vitimação, enquanto os rapazes relatavam maioritariamente episódios de agressão de violência.

Em 2004, a investigação de Straus vem demonstrar-nos que o género feminino recorre mais frequentemente à violência, embora com percentagens muito próximas do género masculino (28% vs. 25%, respetivamente). A investigação de Caridade (2011) concluiu também que o género feminino é quem mais recorre ao uso de violência contra os seus parceiros, nomeadamente a violência física e

emocional. No que concerne à vitimação de violência, o gênero feminino é quem surge novamente com maior recurso, nomeadamente os comportamentos psicologicamente (94.2% vs. 93.1%) e fisicamente (42.1% vs. 39.4%) abusivos. Neste caso, em relação aos comportamentos sexualmente abusivos, geralmente o gênero masculino é quem surge mais frequentemente associado (20.9% vs. 17%) (Caridade & Machado, 2013).

Uma outra investigação, Oliveira e Sani (2005), concluiu através dos seus 227 participantes que o gênero masculino é quem recorre mais ao uso de perpetração de violência nas suas relações. Contudo, estes surgem também mais associados à vitimação de violência. De acordo com este estudo, surge também o de Richards e Branch (2012), onde obtiveram que o gênero masculino surge associado a ambos os padrões, quer perpetração como vitimação.

Em estudos recentes, tais como o de Cuevas, Sabina e Bell (2014), o gênero masculino surge como sendo aquele que mais admite que sofre de vitimação nas suas relações amorosas, novamente de violência física. Por sua vez, Fernández - González, O'Leary e Muñoz – Rivas (2014) verificaram que as mulheres surgem como sendo as que mais recorrem ao uso de violência (94.2% vs. 90%) e os homens como os principais vitimizados (91.8% vs. 91.5%).

1.4. Fatores de risco inerentes à violência no namoro.

O estudo dos fatores que levam os jovens a recorrerem à violência no âmbito das suas relações amorosas tem sido o foco de atenção de vários investigadores, sobretudo internacionais. Neste âmbito, os diversos fatores de risco têm sido

agrupados em diversas categorias: pessoais, familiares, culturais ambientais ou situacionais (Caridade, 2011; Kaukinen, 2014; Vagi *et al.*, 2013).

No âmbito dos fatores familiares, tem sido defendido que “a família é um microsistema onde cada membro tem o seu papel social específico, o que reflete a sua organização estrutural e funcional.” (Oliveira, 2014, pág.68).

A exposição à violência interparental e/ou experimentação de violência na infância tem mostrado ser um forte preditor a promover conflitos e comportamentos agressivos nas relações amorosas. A influência deve-se por deixar sequelas nas crianças/adolescentes e os comportamentos que são adquiridos ou visualizados num ambiente familiar irão ser aprendidos como sendo comportamentos exemplares e replicados de forma contínua em relações atuais ou novas relações, iniciando-se assim um ciclo de violência bem como para uma escapatória para a resolução de conflitos (Black, Sussman, & Unger, 2010; Caridade, 2011; Smith *et al.*, 2003).

No que diz respeito aos *fatores ambientais*, os pares também assumem grande determinação nos comportamentos abusivos nas relações amorosas, embora se verifiquem poucas investigações sobre esta relação (Caridade, 2011). Segundo Kinsfogel e Grych (2004), os pares transmitem muitas normas e valores, sendo que os comportamentos serão modelados consoante as suas interações sociais.

Ainda neste tipo de fatores, constata-se que a exposição à violência na comunidade ou na escola pode desencadear nos indivíduos, através da modelagem, comportamentos violentos e conseqüentemente nas relações de intimidade (O’Keefe, 1998)

No âmbito dos *fatores sociodemográficos*, o género surge como sendo um dos mais importantes fatores de risco para a violência no namoro, apesar da sua não

consensualidade na literatura, não só pela susceptibilidade que cada um apresenta, bem como pela sua natureza e dinâmica existente (Black, Sussman, & Unger, 2010; Caridade, 2011; Smith *et al.*, 2003).

O nível socioeconómico também tem demonstrado ter alguma influência como factor de risco na violência no namoro, apesar dos resultados pouco consistentes. Enquanto no estudo de Rivera – Rivera *et al.*, (2007), encontraram que os níveis socioeconómicos médios e elevados estavam relacionados com a perpetração de violência por parte do género masculino, um outro estudo de Rivera-Rivera *et al.*, (2006) encontrou que a classe mais baixa era quem recorria mais frequentemente à violência.

Relativamente aos *fatores pessoais*, é de salientar que, também quem tenha estados emocionais e saúde mental fragilizados, nomeadamente a raiva, a ansiedade e a depressão, também poderá vir a ser uma vítima ou perpetrador de violência no namoro (Kaukinen, 2014).

Por fim, tem sido igualmente documentado que indivíduos que possuam determinadas atitudes legitimadoras da agressão, apresentam uma forte propensão para sofrer ou perpetrar violência nas suas relações amorosas (Arriaga & Foshee, 2004; Carr & Vandusen, 2002; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Langhinrichsen Rohling, Hankla & Stormberg, 2004, citado por Gover, Park, Tomisch & Jennings, 2011; Kaukinen, 2014; Laporte, Jiang, Pepler, & Chamberland, 2009; O' Keefe, 1998; Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004; Tschann *et al.*, 2009; Vagi *et al.*, 2013).

Embora menos estudados, a literatura tem tentado ainda identificar e perceber quais são os fatores protetivos (e.g., pessoais, ambientais, familiares,

culturais). Estes são conhecidos por influenciarem os comportamentos de um indivíduo, tanto externamente como internamente, diminuindo a probabilidade de um acontecimento negativo ou de aumentar a probabilidade de um acontecimento positivo (Oliveira, 2014). Estes são tão importantes como a identificação dos fatores de risco, na medida em que permitem não só criar medidas de prevenção como também intervenção (Kaukinen, 2014).

Contudo, é importante referir que a escassez de investigação de estudos longitudinais têm demonstrado ser um grande problema, quer para uma perceção do fenómeno em si como também para a criação de programas de prevenção (Kaukinen, 2014).

Para além da identificação dos fatores de risco mediadores na violência no amor, de certo modo, são também diversas as correntes explicativas que têm procurado identificar as causas para a violência íntima em geral. Contudo, a maioria dessas teorias explicativas têm-se revelado insuficientes para explicar a violência íntima. A teoria mais evocada e referenciada pelos estudos científicos, que tem procurado explicar esse fenómeno, tem-se centrado no contexto familiar, nomeadamente a intergeracionalidade de violência, sendo assim apontada como o principal elo de ligação entre ambas e a que melhor influencia a agressão dos jovens com parceiros de namoro (Caridade & Machado, 2013).

1.5. Teoria intergeracional de violência.

As investigações têm postulado que o meio onde nos inserimos pode originar a violência nas relações de intimidade. Este comportamento é melhor compreendido através da perspetiva intergeracional de violência, onde está subentendida a

aprendizagem social descrita por Bandura (Bandura, 1971). Os comportamentos são determinados pelo ambiente onde nos inserimos, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (Bandura, 1971; Dardis, Dixon, Edwards, & Turchik, 2015; Gelles, 1997, citados por Matos, Moreira Caridade, & Silva, 2006) e quando ocorre a existência de comportamentos interparentais violentos ou comportamentos negativos, esses serão aprendidos e adquiridos pelos seus filhos, gerando violência e recorrendo à mesma aquando da resolução de conflitos (Franklin & Kercher, 2014; Tschann *et al.*, 2009; Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004; Widom, 1989, citados por Arriaga & Foshee, 2004).

Assim, seguindo esse raciocínio, uma criança que tenha episódios de exposição à violência interparental ou sofrido de vitimação direta, irá ter uma maior probabilidade em replicar estes comportamentos e/ ou evidenciar uma maior tolerância práticas abusivas e ainda poderá contribuir para uma aceitação da violência como meio de resolução de conflitos (Riggs & O’Leary, 1996, citados por Caridade & Machado, 2013).

As características familiares de origem com a presença de episódios de violência interparental e também experimentação de violência na infância, aumenta consideravelmente a probabilidade de recurso a táticas abusivas em relacionamentos não só na juventude como também na idade adulta (Bandura, Ross, & Ross, 1963; Franklin & Kercher, 2012).

Assim, assume-se que a família não só promove a aprendizagem de alguns comportamentos agressivos como também transmite algumas crenças e atitudes que facilitam a adoção de comportamentos agressivos (Bandura, Ross, & Ross, 1963; Gelles, 1997, citado por Matos *et al.*, 2006).

1.6. Impacto/Consequências da violência no namoro.

Para finalizar este capítulo, importa igualmente analisar os custos que este tipo de abuso poderá ter nas suas vítimas. Assim, a escassa investigação nacional sobre esta matéria tem vindo a identificar as diversas implicações e consequências diretas ou indiretas desta forma de violência nas vítimas, quer se esteja a falar na sua saúde como também no seu bem – estar, a curto ou longo prazo (Paiva & Figueiredo, 2003).

A curto prazo, nos indivíduos que tenham sido vítimas de violência no namoro, poderá vir a existir diversos problemas emocionais negativos, problemas de segurança bem como a diminuição da sua autoestima (Foshee, 1996; Paiva & Figueiredo, 2003).

Contudo, a capacidade de suportar estas situações varia entre géneros, onde as raparigas demonstram maior susceptibilidade em adquirir sentimentos negativos, nomeadamente a tristeza e o desânimo. Contudo, podemos ainda acrescentar que demonstram tentativas ou comportamentos suicidas, envolvimento em brigas ou ainda excessivo consumo de substâncias ilícitas (Callahan *et al.*, 2003).

Referente aos comportamentos suicidas, recentemente foi realizado a nível nacional o único estudo sobre essa temática, tendo a autoria de Barros (2014). Este contemplou uma amostra de 262 participantes, em que as análises de associação revelaram que os ofensores e as vítimas apresentavam pensamentos e/ou comportamentos suicidas, onde o sexo feminino predomina esses mesmos.

Relativamente ao género masculino que é vitimizado de violência, para além de também possuírem alguns sentimentos semelhantes ao género feminino, nomeadamente a susceptibilidade em envolvimento físicos, tristeza, desânimo e

abuso de substâncias, experienciaram também ansiedades, depressões e alguns ainda de *stress* pós- traumático (Callahan et al., 2003).

Capítulo II – 1. Estudos de prevalência sobre a relação entre violência no namoro e a violência interparental

Introdução

A relação que existe entre a violência no namoro e a violência interparental, a nível internacional, tem sido uma temática vastamente analisada em investigações desde os anos 80/ 90.

Diversos têm sido os investigadores que se têm debruçado em analisar todos os fatores que possam estar interligados, com particular destaque para os trabalhos de Bandura, pioneiro ao defender a teoria da intergeracionalidade da violência.

Em relação ao contexto português, encontrámos o oposto, denotámos uma carência de estudos que procurem apurar a contingência em relação a este fenómeno. Em terreno nacional, só nos últimos cinco anos é que os investigadores se têm dedicado ao estudo da relação entre os dois temas.

Neste capítulo, atendendo ao elevado número de estudos internacionais existentes em torno da relação entre violência no namoro e experiência de violência no contexto familiar, tornou-se necessário proceder a uma análise sistemática dos diferentes estudos produzidos nos contextos internacional e nacional, no sentido de apurar, compreender e clarificar os resultados de diversos autores sobre a temática.

Esta revisão exaustiva da literatura consiste numa pesquisa em revistas científicas desde o ano 1990 até 2014, retiradas de diversas bases de dados: B-on –

Biblioteca do Conhecimento *Online*, *Sage Publications* e *Pubmed*. Para efetuar esta pesquisa utilizaram-se palavras – chave tais como: *Dating Violence; Relationship; Interparental Abusive; Childhood; Youth*.

Assim no quadro que se segue procuramos caracterizar os diferentes estudos desenvolvidos neste âmbito, sistematizando ainda os principais resultados encontrados (cf. Quadro1).

Quadro 1

Síntese dos estudos internacionais sobre a relação entre a violência nas relações amorosas e exposição à violência interparental.

| Autor/ano | País | Método utilizado | | | Resultados |
|--|--------|---|--|--|--|
| | | Características e objetivos do estudo | Amostra | Instrumentos | |
| Breslin, Riggs, O'Leary, & Arias, 1990 | E.U.A. | Analisar as diferenças de expectativas entre os participantes que perpetraram violência física e os que não perpetraram. Examinar também as consequências da violência interparental como mediador de violência nas relações de namoro. | 405 estudantes, dos quais 280 eram do sexo feminino e 125 do sexo masculino, com média de 18 anos. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>CTS - The Conflict Tactics Scale</i> ◆ <i>Checklist com itens relativos à violência interparental;</i> ◆ <i>Checklist com consequências causadas depois da violência</i> ◆ <i>Checklist para caracterizar consequências causadas durante a violência</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Em relação à violência interparental, tanto os participantes do gênero masculino (44%) como do feminino (46%) admitiram testemunhar violência; • A perpetração de violência física nas relações amorosas surgiu mais reportada pelas raparigas (39%) do que pelos rapazes (23%); • Para ambos os gêneros, testemunhar violência interparental constitui um forte preditor para a perpetração de violência no namoro; |
| O'Keefe, 1998 | E.U.A. | Identificar os fatores de proteção e a vulnerabilidade em | 232 estudantes dos quais 94 | ◆ Versão modificada da subescala da agressão física do CTS – <i>The</i> | Da amostra que relatou ter testemunhado violência interparental (232 participantes): |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | |
|--|--|---|---|--|
| | <p>adolescentes que testemunharam violência interpaparental, para determinar quais os fatores que diferenciam os adolescentes que agrediram/ foram vítimas de violência e os que não têm historial de violência.</p> | <p>eram rapazes e 138 raparigas, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos.</p> | <p><i>Conflict Tactics Scale;</i> ◆CTS - PC – The Conflict Tactics Scale Parent - Child ◆Justification of Violence Scale ◆Self – Esteem Scale</p> | <ul style="list-style-type: none"> • 51% da amostra relatou que nunca tinha perpetrado violência contra o parceiro; 49% já tinha perpetrado violência pelo menos uma vez; • Em relação à vitimação, a maior parte da amostra (55%) admitiu ter sido vítima de violência no namoro pelo menos uma vez e 45% admitiu que nunca sofreu de qualquer ato de violência; • As seguintes variáveis emergiram como tendo potencial influência na vitimação feminina: a exposição à violência na comunidade e meio escolar, baixo rendimento escolar e experienciar violência interpaparental na infância; • As seguintes variáveis emergiram como tendo potencial influência na vitimação masculina: baixo nível socioeconómico, exposição a violência na comunidade e meio escolar, aceitação da violência nas relações amorosas e baixa auto – estima; • As raparigas ficam mais vulneráveis quando sofrem de violência interpaparental na infância, ou seja, é fator de risco para o sexo feminino e não para o sexo masculino; • Neste estudo, apurou-se que o testemunho de violência interpaparental estava relacionado com a perpetração de violência e vitimação no namoro. No entanto, também foi possível perceber que quem testemunhou violência interpaparental, também possuiu relações sem violência. |
|--|--|---|---|--|

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|---------------|---|--|--|--|
| <p>Jankowski, Leitenberg, Henning, & Coffey, 1999</p> | <p>E.U.A.</p> | <p>Analisar a associação entre testemunhar violência interparesntal na infância e o risco de usar ou sofrer violência no namoro</p> | <p>1.576 estudantes dos quais 974 eram raparigas e 602 eram rapazes, com uma média de idades de 19 anos.</p> | <p>♦ CTS – <i>The Conflict Tactics Scale (Escala de agressão física)</i></p> <p>♦ <i>Questionário com itens relativos à violência física na infância</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> • 13.9% da amostra afirmou testemunhar violência interparesntal antes dos 16 anos;•17.2% da amostra relatou ter recorrido à violência nas suas relações de namoro; • 17.3% da amostra referiu ter sido vítima de violência no namoro; • 32% da amostra que testemunhou violência interparesntal foi também vítima de violência no namoro; • Testemunhar violência interparesntal esteve de forma significativa relacionada com a perpetração de violência física contra um parceiro de namoro; no entanto, a transmissão de violência intergeracional foi significativa quando testemunharam violência entre ambos os pais. |
| <p>Wolfe, Scott, Wekerle, & Pittman, 2001</p> | <p>E.U.A.</p> | <p>Analisar a relação entre os maus tratos na infância, problemas de ajustamento clinicamente relevantes e a violência no namoro.</p> | <p>1.419 estudantes dos quais 812 eram raparigas e 607 rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos.</p> | <p>♦ CTQ – <i>The Childhood trauma maltreatment</i></p> <p>♦ TSCC – <i>The trauma symptom checklist for children</i></p> <p>♦ SRD – <i>The self – report delinquency scale</i></p> <p>♦ CADRI – <i>The conflict in adolescent dating relationships inventory</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> • Em relação ao tipo de violência de que foram alvo na família, os participantes do género feminino relataram com mais frequência a violência emocional (18.8%) e os participantes do género masculino a negligência (14.7%); • A maior parte da amostra masculina (36.6%) relatou o uso de táticas abusivas sexuais no namoro; A maior parte da amostra feminina (28.2%) relatou o uso de táticas fisicamente abusivas no namoro; • Raparigas com histórico de violência na infância apresentaram maior probabilidade em ser vítima de abuso sexual e em demonstrar comportamentos ameaçadores; |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--------------------------|--------|--|---|---|--|
| | | | | | <ul style="list-style-type: none"> • Rapazes que relataram um histórico de violência na infância, mostraram ter um aumento de perpetração de violência bem como de vitimação no namoro; |
| Car & Vandeußen, 2002 | E.U.A. | Avaliar a associação entre testemunhar violência interpaparental na infância, ter sido vítima de violência física paparental e o uso de violência nas relações amorosas. | 99 estudantes do sexo masculino com idade média de 20 anos. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ CTS – <i>The Conflict Tactics Scale</i> ◆ SES – <i>The Sexual Experiences Survey – male version</i> ◆ HTW – <i>Hostility Toward Women Scale</i> ◆ ASB – <i>Adversarial Sexual Beliefs Scale</i> ◆ AIV – <i>Acceptance of Interpersonal Violence Against Women Scale</i> ◆ RMAS – <i>Rape Myth Acceptance Scale</i> | <ul style="list-style-type: none"> • A grande maioria da amostra (87%) relatou ter sido vítima de violência física por parte da sua família; • 1/4 da amostra admitiu que testemunhou violência interpaparental (atos mais graves como empurrar ou agarrar) durante o seu crescimento; • 1/5 da amostra admitiu ter cometido qualquer tipo de violência contra parceiros amorosos, dos quais a maioria (13 participantes) admitiu atos de violência física leve e 6 participantes recorreram à violência física severa; A grande maioria (81%) da amostra admitiu que nunca usou qualquer tipo de violência no namoro. • 41 participantes admitiram ter usado nas suas relações amorosas a violência sexual, onde em grande parte recorreu à coerção sexual (36 participantes); • Testemunhar violência interpaparental contribuiu de forma significativa na previsão de perpetração de violência física no namoro enquanto a legitimação da violência interpaparental contribuiu para a perpetração de violência sexual no namoro. |
| Ehrensaft, Cohen, Brown, | E.U.A. | Analisar a relação entre exposição à violência | Estudo longitudinal | ◆ <i>Escalas para avaliar a violência na infância/ testemunho de violência</i> | <ul style="list-style-type: none"> • 15.7% indicou que já esteve exposto a algum tipo de violência interpaparental; |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--------------------------------|--------|--|---|--|--|
| Smailes, Chen, & Johnson, 2003 | | interparental, violência na infância, comportamentos disruptivos e abuso de substâncias como fatores de risco na violência contra um parceiro na idade adulta. | 543 crianças; na 2ª fase a média de idades é 13.8; na 3ª fase a média de idades é 16.2; na 4ª fase a média de idades é 22.1; na última fase a média de idades é de 31 anos. | <p><i>e identificação do alvo;</i></p> <p>◆ <i>Escalas de avaliação de práticas parentais</i></p> <p>◆ CTS – The Conflict Tactics Scale</p> | <ul style="list-style-type: none"> • 7% admitiu que já foi vítima de violência física e sexual na infância; • 24.2% da amostra admitiu que já recorreu à perpetração de violência nas suas relações amorosas; e 20.3% relatou que já foi vitimado nas suas relações amorosas; • Quanto à relação entre perpetração de violência no namoro e o género, o género feminino admitiu recorrer mais frequentemente ao uso de violência comparativamente com o género masculino (22% vs. 21%, respetivamente); • Quanto à relação entre vitimação de violência no namoro e o género, o género masculino surge como tendo sido mais frequentemente vitimizado comparativamente com o género oposto (20% vs. 17%, respetivamente); • O tipo de violência admitido mais frequentemente pelos participantes foi a violência física, nomeadamente o “puxar, agarrar e empurrar”, quer no padrão de vitimação quer no da perpetração. As raparigas admitiram mais a vitimação e perpetração da violência (56 e 49 participantes, respetivamente). • Em relação à perpetração de violência contra o parceiro, concluiu-se neste estudo que o maior influenciador de violência foi a conduta disruptiva, a exposição a violência interparental e por fim, o castigo através da força; |
| Arriaga & | E.U.A. | Analisar o grau de | Estudo | ◆ Escala similar ao CTS | • 22% da amostra referiu ter testemunhado violência |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--------------------------|--------|---|---|--|--|
| Foshee, 2004 | | predição da violência entre amigos e a violência interpaparental na vitimação e perpetração da violência no namoro. | longitudinal 526 adolescentes, dos quais 280 eram raparigas e 246 eram rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. | (Straus, 1990) – <i>The Conflict Tactics Scale</i> ♦ <i>Questionário relativo à vitimação no namoro</i> ♦ <i>Questões referentes à violência no namoro de pares</i> ♦ <i>Questões sobre a violência interpaparental</i> | interpaparental; • No início do estudo, 20% da amostra relatou ter praticado violência no namoro; passados seis meses, esta aumentou para 32%; • No início do estudo, 36% da amostra afirmou ter sido vítima de violência em algum momento; passados seis meses, 48% da amostra reportou vitimação; • Este estudo demonstrou que apesar da violência interpaparental ser significativa para a existência de perpetração/ vitimação de violência no namoro, os jovens que testemunharam violência nas relações amorosas no grupo de pares, admitiram com maior frequência comportamentos de perpetração/ vitimação de violência no namoro; |
| Kingsfogel & Grych, 2004 | E.U.A. | Investigar de que forma a exposição à violência interpaparental pode afetar as relações de namoro. | 391 adolescentes, dos quais 205 eram raparigas e 186 eram rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e | ♦ CTS – <i>The Conflict Tactics Scale</i> ♦ CIR - <i>The Conflict in Relationships Scale</i> ♦ <i>Questões sobre comportamentos tidos em conflitos</i> ♦ ADI – <i>Attitudes about</i> | • Os participantes admitiram testemunhar violência interpaparental, nomeadamente insultos (63%) e ameaças físicas ou atirar objetos (43%); • Os participantes admitiram estar envolvidos em níveis elevados de violência verbal. 20% da amostra referiu que já tinham insultado, ridicularizado ou gozado com um parceiro; • A violência física também não foi uma tipologia abusiva menos admitida pelos participantes envolvidos em relações amorosas, nomeadamente puxões e empurrões (19%) e bater e |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|--------|---|---|--|--|
| | | | os 20 anos. | <p><i>Dating Index</i></p> <p>◆ TAS – <i>Trait Anger Scale</i></p> | <p>pontapear (17%);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Neste estudo, foi encontrada uma relação positiva entre a exposição a violência interparesparental e a violência no namoro, no caso dos rapazes. Denotou-se nestes perceções agressivas, hostilidade, perpetração de violência e justificação da violência; • Associado à violência no namoro esteve: a violência interparesparental, a raiva, as atitudes agressivas e grupos de pares agressivos nas suas relações; • Raparigas expostas à violência interparesparental demonstraram ser mais sensíveis à violência e os rapazes usar a agressão para atingir objetivos; |
| Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004 | E.U.A. | Analisar três mediadores da relação entre a violência na infância e a perpetração de violência no namoro na adolescência – sintomas relacionados com o trauma; atitudes que justifiquem a violência no namoro; e empatia e auto-eficácia nas relações | Estudo longitudinal 1.317 estudantes, 55% raparigas e 45% rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e 19 anos. | <p>◆ CTQ –SF – <i>The Childhood Trauma Questionnaire – Short Form</i></p> <p>◆ TSCC – <i>The Trauma Symptom Checklist for Children</i></p> <p>◆ IKA – <i>The Attitudes subscale of the Inventory of Knowledge and attitudes</i></p> <p>◆ SDPT – <i>The Self – Dyadic Perspective</i> –</p> | <ul style="list-style-type: none"> • O sexo masculino surge positivamente correlacionada com a perpetração de violência emocional no namoro. • A experiência de “violência na infância” mostrou-se fortemente relacionada com a violência no namoro; • A relação entre exposição à violência na infância e a vitimação nas relações de namoro é mais robusta no caso do sexo masculino; |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|--------|---|---|--|---|
| | | de namoro – durante um ano. | | <i>Talking Scale</i> ♦ CADRI – <i>The Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory</i> | |
| Foshee, Ennett, Bauman, Benefield, & Suchindran, 2005 | E.U.A. | Analisar a existência de uma relação entre a violência interparental e a violência no namoro, analisando ainda a influência de certas variáveis: raça, estado sócio-económico e estrutura familiar. | 1.218 adolescentes, destes 56.6% eram raparigas e 43.4% eram rapazes, com média de idades de 13.8. | ♦ <i>Questões referentes à perpetração de violência no namoro</i> ♦ <i>Questões referentes ao testemunho de violência interparental</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Este estudo demonstrou que quem sofreu de vitimação de violência intencional na adolescência por parte dos progenitores, possuía mais frequentemente comportamentos de perpetração de violência no namoro; • As variáveis “exposição à punição física materna” e “testemunhar violência interparental” não se revelaram associadas à perpetração de violência no namoro. |
| Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005 | E.U.A. | Investigar a relação recíproca entre vitimação (verbal, física e sexual) e o funcionamento psicológico através da avaliação de experiências de violência na infância e adolescência. | Estudo longitudinal 551 estudantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e 19 anos. | <ul style="list-style-type: none"> ♦ CTS – <i>The Conflict Tactics Scale</i> ♦ <i>The Child Sexual Victimization Questionnaire</i> ♦ SES – <i>The sexual Experiences Survey</i> ♦ IES – <i>The Impact of Event Scale</i> ♦ BDI – II – <i>The Beck</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Em relação à vitimação de violência na infância, 6.2% da amostra admitiu uma vitimação de violência sexual moderada e 1.4% violação. Na adolescência, 26.7% admitiu ter sido vítima de violência sexual e 7.6% referiu ter sofrido de violação; • Em relação à violência física, 21.8% da amostra admitiu já ter sido vítima de violência física moderada e 6.2% violência física severa por parte dos seus pais; • 67.3% admitiu vitimação de algum tipo de violência verbal na infância; • No que diz respeito à violência física no namoro, 18.1% |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|------------------------|--------|---|---|--|--|
| | | | | <p><i>Depression Inventory II</i></p> <p>◆ IIP – <i>Inventory of Interpersonal Problems</i></p> | <p>relatou que já sofreu de violência moderada e 3.3% de violência severa;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em relação à vitimação de violência física no namoro, 21% da amostra feminina relatou já ter sido alvo deste tipo de abuso; • Neste estudo foi encontrada uma relação significativa entre a experiência de violência parental e violência no namoro. |
| Douglas & Straus, 2006 | E.U.A. | Analisar a relação entre a vitimação de violência física proveniente dos pais e a perpetração de violência no namoro. | 9.549 estudantes universitários, 68% eram do sexo feminino e 32% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e 40 anos. | <p>◆ <i>Questões referentes às experiências de violência física por parte dos pais</i></p> <p>◆ <i>2 questões do instrumento “The Violence Approval Scale of The Personal and Relationships Profile”</i></p> <p>◆ CTS 2 – <i>The Revised Conflict Tactics Scale</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> • 29.8% dos participantes admitiu uma vitimação física por parte de um parceiro amoroso; • O sexo feminino demonstrou maior propensão em infligir comportamentos de violência física num parceiro amoroso; • O sexo feminino demonstrou maior taxa de vitimação nas suas relações amorosas. • A grande percentagem que foi vítima de violência física proveniente da família perpetrou também violência física num parceiro amoroso; • De forma bastante significativa, ser vítima de violência física por parte dos pais mostrou-se correlacionado positivamente com a perpetração de violência física no namoro; • Este estudo mostrou que em contextos sociais onde a agressão é prevalente, existe também uma aprovação de violência contra o parceiro. |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|---------------|---|--|---|---|
| <p>Gover, Kaukinen, & Fox, 2008</p> | <p>E.U.A.</p> | <p>Analisar a relação entre vitimação e perpetração de violência no namoro e a exposição à violência interparental na família de origem</p> | <p>2.541 estudantes universitários</p> | <p>♦ <i>CTS 2 – The Revised Conflict Tactics Scale</i></p> <p>♦ <i>Questionário elaborado através do CTS 2 com objetivo em avaliar o testemunho/experienciação de violência interparental</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> • 29 % da amostra admitiu ter usado violência física numa relação amorosa e 22% referiu ter sido vítima deste tipo de violência nos últimos 12 meses; • 54% da amostra revelou ter usado a violência psicológica numa relação amorosa e 52% referiu ter sido vítima deste tipo de violência nos últimos 12 meses; • Em relação ao género, encontraram-se diferenças significativas para a violência física no namoro, surgindo as mulheres (32%) como sendo as principais perpetradoras de violência, comparativamente com os homens (24%); • Em relação ao género, encontraram-se também diferenças significativas para a violência psicológica no namoro, surgindo o sexo feminino como o principal perpetrador (57% vs. 50%) e vitimizado (55% vs. 50%) de violência, comparativamente com o sexo masculino, respetivamente; • Dos que relataram ter sofrido violência física na infância, 38% assumiu perpetrar violência física e 32% referiram sofrer este tipo de violência no namoro; • As vítimas de violência na infância e que testemunharam violência interparental apresentaram significativamente maiores taxas de violência física no namoro, tanto como alvo como perpetradoras; |
|---|---------------|---|--|---|---|

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--------------------------|------|--|---|--|--|
| | | | | | <ul style="list-style-type: none"> • 2/3 dos participantes que foram vítimas de violência na infância perpetraram violência psicológica e 51% daqueles que não foram vítimas na infância perpetraram o mesmo tipo de violência; Enquanto 59% dos participantes abusados durante a infância foram vítimas de violência psicológica, 50% daqueles que não foram vítimas na infância sofreram do mesmo tipo de violência; • Dos que referiram nunca ter sido vítimas de violência interparental, uma pequena percentagem perpetrou (25%) e foi vítima (18%) de violência física no namoro; • Experimentar violência na infância demonstrou uma relação positiva com a perpetração de violência física e psicológica no namoro; No que diz respeito à relação entre experimentar violência na infância e vitimação de violência física no namoro, existiu apenas uma relação positiva no sexo feminino. |
| Fehringer & Hindin, 2009 | Ásia | Analisar a relação entre a perpetração/vitimação de violência no namoro e a exposição a violência interparental na infância. | 472 participantes (285 raparigas e 187 rapazes) com uma média de idades de 21 anos; | <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>CTS – The Conflict Tactics Scale</i> ◆ <i>Questionário relacionado com características maternas e domiciliárias</i> ◆ <i>Questões sobre testemunho de violência interparental</i> | <ul style="list-style-type: none"> • 45% das raparigas e 50% dos rapazes admitiram ter testemunhado violência física entre os seus pais; • O sexo feminino reportou maior perpetração de violência contra os parceiros em comparação com o sexo masculino (55.8% vs. 25.1% respetivamente); • O sexo masculino relatou maior vitimação de violência em comparação com o sexo feminino (30.5% vs. 27.7%, respetivamente). • Não se verificou diferenças de género no que diz respeito ao |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|--------|---|--|---|--|
| | | | | | testemunho de violência interparental (45% raparigas e 50% rapazes); |
| Tschann, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009 | E.U.A. | Analisar a relação entre os aspectos não violentos da exposição à violência interparental e a perpetração/vitimização de violência no namoro ou de vitimação. | Estudo longitudinal 150 jovens, destes 78 eram raparigas e 72 eram rapazes, com idades compreendidas entre os 16 e 20 anos. | <p>♦ MAIC – <i>The Multidimensional Assessment of Interparental Conflict</i></p> <p>♦ CTS 2 – <i>The Revised Conflict Tactics Scale</i></p> | <p>• A maioria dos participantes (77%) aos 12 meses de seguimento reportou perpetração ou vitimação de violência verbal dos seus parceiros íntimos;</p> <p>• Aos seis meses: 73% da amostra já tinha sido agressiva verbalmente em relações de namoro; A perpetração/ vitimação de violência verbal no namoro surge altamente relacionado com ambos os sexos;</p> <p>• Aos 12 meses, a maioria das raparigas e rapazes (27% e 24% respetivamente) referiram estar envolvidos em perpetração de violência física; Em relação à vitimação de violência física, a maioria dos rapazes (33%) relatou com maior frequência vitimação comparativamente com as raparigas (22%);</p> <p>• Verificou-se maior perpetração de violência verbal nos jovens quando existia frequentemente violência física, agressividade verbal e pobres resoluções de conflitos entre pais e comportamentos fisicamente violentos por parte da mãe;</p> <p>• Verificou-se uma maior vitimação de violência física nos jovens quando os seus pais tinham conflitos frequentes, agressividade verbal, conflitos não resolvidos e a existência de violência na família;</p> <p>• Neste estudo, concluiu-se que o género e etnia não apresentaram uma relação significativa com a violência no</p> |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|--------|---|--|---|--|
| | | | | | namoro; • Os aspetos não violentos mostraram uma relação positiva com a perpetração/ vitimação de violência no namoro; |
| Black, Sussman, & Unger, 2010 | E.U.A. | Analisar a relação entre a violência interparental e a violência no namoro | 223 estudantes com idades compreendidas entre 18 e 27. | ♦ <i>CTS 2 – The Revised Conflict Tactics Scale</i> | • A amostra referiu ter testemunhado violência psicológica e física entre os seus pais (58.3% e 17.5%, respetivamente); • Foi admitido que a amostra já tinha sido vítima de violência psicológica e física nas suas relações amorosas (69.5% e 27%, respetivamente); • Este estudo comprovou a existência de uma correlação positiva entre testemunhar violência interparental psicológica e ser vítima de violência psicológica nas relações íntima na idade adulta; • Existiu também uma correlação positiva entre testemunhar violência interparental física e ser vítima de violência física nas relações na idade adulta. |
| Cui, Durtschi, Donnelland, Lorenz, & Conger, 2010 | E.U.A. | Analisar se a transmissão intergeracional de violência física e verbal na família de origem está associada ao uso de violência nas relações íntimas | Estudo longitudinal 213 participantes seguidos desde a adolescência até à | ♦ <i>Interparental Verbal Aggression</i> ♦ <i>Interparental Physical Aggression</i> ♦ <i>Parent Verbal Aggression to Adolescent</i> ♦ <i>Parent Physical</i> | • A violência física e verbal testemunhada ou experienciada durante a violência interparental, demonstrou ser um forte mediador para a ocorrência posterior de violência no namoro; • O sexo feminino relatou maior propensão em manifestar agressividade nas suas relações, nomeadamente a violência física; • A exposição à violência interparental demonstrou ser um |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--|--------|--|---|--|--|
| | | em jovens adultos. | juventude com idades entre os 12 e 14 anos. | <p><i>Aggression to Adolescent</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>Youth Verbal Aggression to Space/ Partner</i> ◆ <i>Youth Physical Aggression to Space/ Partner</i> ◆ <i>Spouse Partner Verbal and Physical Aggression</i> | <p>forte preditor de vitimação de violência nas relações amorosas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • A violência dos pais surgiu como estando significativamente correlacionada com a violência nas relações futuras; |
| Milletich, Kelley, Doanne, & Pearson, 2010 | E.U.A. | Analisar se testemunhar violência interparental e ser vítima de violência física e emocional na infância está associado à perpetração e/ou vitimação de violência no namoro. | 658 participantes dos quais 183 eram do sexo masculino e 475 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ CTS 2 – CA – Adult-Recall Version of The Revised Tactics Scale ◆ EASE – PI – The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory ◆ CTS 2 – The Revised Conflict Tactics Scale | <ul style="list-style-type: none"> • Raparigas (40.3%) assumiram com maior frequência ter perpetrado pelo menos um ou mais atos de violência física no namoro do que os rapazes (16.1%); • Os rapazes (31.2%) surgem como sendo mais vitimados de violência física nas suas relações íntimas, comparativamente com as mulheres (25.7%); • O tipo de violência mais admitido pelas mulheres foi a violência física (73%). • Os homens que relataram mais frequentemente sofrer de vitimação nos seus relacionamentos amorosos (83%) indicaram que isso ocorreu entre uma a duas vezes. O mesmo aconteceu com as mulheres (75%) que indicaram que a violência da qual resultou vitimação ocorreu entre uma a duas vezes. Neste estudo, a frequência de violência nas relações não foi usual (apenas 2% das mulheres e 6% dos homens foi vítima |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|-------------|--------|--|--|--|---|
| | | | | | <p>frequente)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Testemunhar violência interparental e vitimação de violência na infância previu de forma significativa uma vitimação e perpetração de violência no namoro, para ambos os sexos. |
| Gómez, 2011 | E.U.A. | Analisar o impacto da violência na infância e a violência no namoro em jovens adultos. | 4.191 participantes com idades superiores a 22 anos. | ♦ CTS 2 – <i>The Revised Conflict Tactics Scale</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Em relação à vitimação, a grande maioria da amostra do sexo feminino (53%) relatou já ter sido vítima nas suas relações amorosas. No que diz respeito à perpetração, a maioria do sexo feminino (61%) admitiu o uso de violência nas suas relações; • A maioria dos participantes que sofreram de violência na infância e violência nas suas relações amorosas na adolescência, foram também vítimas de violência nas relações amorosas na idade jovem adulta; • A grande maioria dos participantes que foram vítimas de violência na infância têm 97% de probabilidade em perpetrar violência nas relações amorosas na idade jovem adulta; • Os homens que admitiram ser vítimas de violência psicológica nas relações amorosas na adolescência, apresentaram um aumento de 80% de possibilidade na perpetração de violência em relações amorosas na idade jovem adulta em comparação com aqueles que não foram vítimas; Aqueles que foram vítimas de violência física nas suas relações amorosas na adolescência, apresentaram um aumento de 75% de possibilidade na perpetração de violência em relações amorosas na idade jovem adulta em comparação com aqueles |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--|------|---|---|---|---|
| | | | | | <p>que não foram vítimas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • As mulheres que admitiram ser vítimas de violência na infância apresentaram um aumento de 94% na perpetração de violência em relações amorosas na idade jovem adulta em comparação com aquelas que não foram vítimas; As mulheres que admitiram vitimação de violência na infância apresentaram um aumento de 210% de possibilidade em ser vítima de violência na idade jovem adulta. |
| Gover, Park, Tomsich, & Jennings, 2011 | Ásia | Analisar a relação entre a violência na infância e a perpetração/vitimação de violência física e psicológica no namoro. | 1.399 estudantes dos quais 632 eram rapazes e 767 eram raparigas. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>Questionário referente à violência física e psicológica no namoro</i> ◆ <i>Questionário construído para avaliar a experiência/testemunho de violência interparental</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Em relação à vitimação de violência física na infância, o sexo feminino (60%) admitiu mais frequentemente sofrer desse tipo de violência em comparação com o sexo masculino (51%); • O sexo masculino que testemunhou violência interparental relatou com maior frequência a perpetração de violência psicológica nas suas relações amorosas; • Comparando a amostra que tinha testemunhado violência interparental, existiu maior perpetração de violência psicológica nas relações dos participantes com mais idade (feminina e masculina); • Quem sofreu de violência física na infância relatou com maior frequência vitimação psicológica nas suas relações; • Da amostra mais velha que foi vítima de violência psicológica na infância relatou também ser vítima de violência nas suas relações; |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|---|--------|--|---|---|--|
| | | | | | <ul style="list-style-type: none"> • Apurou-se que a violência física estava significativamente relacionada com a perpetração/ vitimação de violência física, para ambos os sexos, na violência no namoro. |
| Laporte, Jiang, Pepler, & Chamberland, 2011 | E.U.A. | Analisar se as experiências de vitimação e perpetração na família são fatores de risco para a violência no namoro. | 471 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e 19 anos, divididos em dois grupos: 190 no grupo considerado de alto risco e 281 no grupo de baixo risco. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>Escala de vitimação na infância</i> ◆ <i>Escala de agressão no namoro</i> ◆ <i>Escala de vitimação no namoro</i> | <ul style="list-style-type: none"> • A agressão vinda de adolescentes, tanto do género masculino como feminino, para com um parceiro de relação amorosa foi mais fortemente prevista pela quantidade de vitimação experienciada em relações amorosas, seguida da agressão para com os pais; • Adolescentes que relataram uma maior vitimação de violência por parte dos seus pais, demonstraram uma maior propensão para a vitimação nas suas relações amorosas; • Os rapazes que estavam inseridos no grupo de alto risco, que reportaram vitimação na sua infância, apresentaram um risco elevado em serem agressivos nas suas relações amorosas, principalmente quando lhes tinha sido transmitida uma educação duramente disciplinada; • No grupo de alto risco, a associação entre a vitimação na infância e a vitimação no namoro demonstrou ser moderada pelo sexo, ou seja, o sexo feminino foi mais propenso a sofrer vitimação na infância e nas suas relações amorosas; |
| Makin – Byrd & Bierman, | E.U.A. | Estudo longitudinal Examinar de que | 401 participantes (172 do sexo | ◆ CBCL - <i>Child Behavior Checklist – Parent Report Form</i> | <ul style="list-style-type: none"> • 30.2% da amostra relatou ter sido vítima de pelo menos um ato de violência no namoro; |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--|--------|---|--|---|--|
| 2013 | | forma as dinâmicas agressivas familiares em crianças e adolescentes constituem preditores de perpetração e/ou vitimação de no namoro. | feminino e 229 do sexo masculino) acompanhado desde o infântario até perfazerem 18 anos. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ TRF - <i>Teacher's Report Form of The Child Behavior Checklist</i>; ◆ CTS - <i>The Conflict Tactics Scale</i> | <ul style="list-style-type: none"> • A relação entre comportamentos agressivos no ambiente familiar teve uma relação significativa na violência no namoro dos jovens; |
| Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013 | E.U.A. | Analisar a relação existente entre a exposição à violência na família de origem e a perpetração de violência no namoro em adolescentes. | 917 estudantes adolescentes, dos quais 56% eram raparigas e 44% rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos; | <ul style="list-style-type: none"> ◆ CADRI - <i>The Conflict in Adolescent Dating and Relationship Inventory</i> ◆ ACV - <i>The Acceptance of Couple Violence</i> ◆ <i>Questionário referente à exposição de violência interparental</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Neste estudo, o sexo feminino relatou uma maior tendência em utilizar comportamentos violentos comparativamente com o sexo masculino, nomeadamente físicos (28.7% vs. 12.2%, respetivamente) e psicológicos (87.7% vs. 73.9%, respetivamente); • Estar exposto à exposição a violência interparental na infância demonstrou ser um fator preditivo na perpetração de violência nas relações amorosas em adolescentes; |
| Kim, Kim, & Choi, 2014 | Ásia | Analisar os antecedentes da violência no namoro, testando a hipótese da existência da relação entre a violência na família de origem e neutralização de | 510 estudantes com 19 anos e com relação amorosa com duração de pelo menos um mês. | <ul style="list-style-type: none"> ◆ CTS - <i>The Conflict Tactics Scale</i> ◆ CTS 2 - <i>The Revised Conflict Tactics Scale</i> ◆ <i>The World Values Survey</i> | <ul style="list-style-type: none"> • Quase metade da amostra (41%) relatou que foi vítima de violência na infância e também (44%) referiu ter testemunhado violência interparental; • 34% da amostra relatou ter perpetrado violência no namoro; • Tanto o sexo masculino (32.3%) como o sexo feminino (35.9%) relataram ter perpetrado atos de violência no último |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--|--|----------|--|---|--|
| | | crenças. | 40.3% foram homens e 59.7% foram mulheres. | ♦ CTS – PC – The Parent – Child Conflict Tactics Scale | ano; • Este estudo confirmou que a vitimação de violência interpaparental é factor significativo na perpetração de violência nas relações amorosas. |
|--|--|----------|--|---|--|

Quadro 2

Síntese dos estudos nacionais sobre a relação entre a violência nas relações amorosas e exposição a violência interpaparental.

| Autor/ano | País | Método utilizado | | | Resultados |
|----------------|----------|---|--|---|--|
| | | Caraterísticas e objetivos do estudo | Amostra | Instrumentos | |
| Oliveira, 2009 | Portugal | Compreender a influência da intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. | 283 estudantes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. 153 eram rapazes e 130 eram raparigas. | ♦ IVC – Inventário de Violência Conjugal ♦ SANI – Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil ♦ ECCV – Escala da Crenças da Criança sobre a Violência | • Da amostra que mantinha uma relação atual (47%), 37.6% admitiu ter adoptado comportamentos violentos pelo menos uma vez na sua relação; • Dos que perpetravam violência nas suas relações, o género feminino (27 raparigas) admitiu mais frequentemente esses comportamentos do que o género masculino (23 rapazes); • Em relação à vitimação dos que estavam atualmente numa relação, 42.9% admitiu ter sido vítima pelo menos uma vez nas suas relações amorosas, sendo mais relatado pelo género feminino (35 raparigas) do que pelo género masculino (22 |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | <p>rapazes);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Da amostra que atualmente não estava numa relação amorosa mas tinha estado (83.7%), 45.1% admitiu ter perpetrado atos abusivos de violência, sendo relatado majoritariamente pelo gênero masculino (60 rapazes) do que pelo gênero feminino (47 raparigas); • Em relação à vitimação dos que atualmente não estavam em relação amorosa, 57% relatou ter sido vítima de violência em relações anteriores, sendo mais relatado pelo gênero masculino (80 rapazes) do que pelo gênero feminino (55 raparigas). • A tipologia de violência mais relatada nas relações atuais foram os comportamentos emocionais abusivos (insultar, difamar ou fazer acusações graves) e a violência física abusiva (onde 3.8% admitiu ter perpetrado e 15.8% referiu ter sido vítima de violência); • A tipologia de violência mais relatada nas relações passadas foi os comportamentos emocionais abusivos (14.3% admitiu já ter perpetrado insultos, difamações ou afirmações graves e 16.9% assumiu ter sido vítima; 10.6% admitiu já ter perpetrado gritos ou ameaças e 11% admitiu ser sido vítima); • Em relação à violência interparental, os participantes admitiram a presença de violência, nomeadamente, o abuso físico (atirar objetos e bater ou tentativa, 16.3% e 14.9% respetivamente); o abuso emocional (insultos e gritos, 52.4% e 63.6% respetivamente); coerção (obrigação em realizar tarefas e |
|--|--|--|--|--|--|

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|----------------|----------|--|--|---|--|
| | | | | | <p>a guardar segredos (16.9% e 15.6%, respetivamente); e controlo (controlar e proibição de sair, 44.7% e 44.6%, respetivamente).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participantes que admitiram comportamentos agressivos nas relações, sinalizaram mais frequentemente comportamentos violentos no contexto familiar; • Participantes que admitiram ter sido vítimas nas suas relações amorosas, admitiram também na maioria comportamentos de violência no contexto familiar. • Verificou-se uma relação positiva entre exposição/ vitimação de violência interparental com a violência no namoro. |
| Doroteia, 2013 | Portugal | <p>Analisar o fenómeno da violência no namoro e a relação entre as atitudes entre as atitudes legitimadoras e a exposição ao conflito interparental.</p> | <p>266 estudantes com idades compreendidas entre os 15 e 21 anos. 53% da amostra era do género masculino e 47% do género feminino.</p> | <ul style="list-style-type: none"> ◆ CADRI – <i>Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory</i> ◆ CPIC – <i>The Children’s Perception of Interparental Conflict Scale</i> ◆ ADVS – <i>Acceptance of Dating Violence Scale</i> | <ul style="list-style-type: none"> • 31% da amostra admitiu ter perpetrado uma a duas vezes comportamentos abusivos emocionais ou verbais nas suas relações amorosas; • 31% da amostra afirmou ter sido vítima, entre uma a duas vezes, de comportamentos abusivos emocionais ou verbais na sua relação amorosa; • Em relação à violência sexual, 98% da amostra afirmou que nunca perpetrado esse tipo de comportamentos; • Existiu uma relação positiva entre exposição/ vitimação de violência interparental e perpetração/ vitimação de violência emocional, física severa no namoro. |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | | | |
|----------------|----------|---|--|---|---|
| Oliveira, 2014 | Portugal | Estudar o fenómeno da transmissão intergeracional da violência, tendo em base o contexto familiar, relações amorosas e crenças evidenciadas pelos jovens. | 1.476 participantes, dos quais 51.4% eram do sexo masculino e 47.5% do sexo feminino com idades compreendidas entre os 15 e 20 anos. | <p>◆ IVC – 2 – <i>Inventário de Violência Conjugal</i></p> <p>◆ ECVC – <i>Escala de Crenças da Criança sobre a Violência</i></p> <p>◆ SANI – <i>Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil</i></p> | <ul style="list-style-type: none"> • Maior parte da amostra relatou a existência de episódios de violência interpaparental; • 24.8% da amostra admitiu ter adoptado comportamentos violentos pelo menos uma vez nas suas relações amorosas; • O sexo feminino (53.5%) admitiu maior perpetração de comportamentos violentos em relação ao sexo masculino (46.5%) nas suas relações amorosas; • 22.4% da amostra referiu sofrer de vitimação nas suas relações amorosas [onde a maioria era do sexo feminino (57.1%) e em menor percentagem do sexo masculino (42.9%)]; • O tipo de violência no namoro mais relatada foi a violência psicológica e a violência física; • Este estudo comprovou a existência de uma relação significativa entre perpetração/ vitimação de violência no namoro e o ambiente familiar, servindo de bom preditor. |
|----------------|----------|---|--|---|---|

1.1. Localização geográfica dos estudos.

Na presente revisão de literatura conseguimos aceder a um total de 27 estudos que procuram perceber a relação existente entre a violência no namoro e a exposição à violência interparental. A grande maioria dos estudos é internacional (24), sendo que no contexto português apenas conseguimos aceder a três estudos.

Como já seria expectável, a grande maioria dos estudos analisados centram-se no continente da América do Norte, nomeadamente nos E.U.A. (21 estudos), sendo possível verificar neste contexto uma preocupação, interesse e sistemática investigação sobre o tema. Os restantes estudos internacionais (3) situam-se no continente Asiático, mais concretamente dois foram realizados na Coreia do Sul e um nas Filipinas.

No que diz respeito aos estudos nacionais, o reduzido número de estudos publicados traduz, desde logo, o menor investimento científico nesta matéria. Dos três estudos encontrados, dois foram desenvolvidos na zona norte do país, nomeadamente na zona do Porto, e um na zona de Lisboa.

1.2. Método utilizado.

1.2.1. Características e objetivos dos estudos.

Aquando da análise dos objetivos inerentes aos estudos empíricos encontrados, tanto no contexto internacional como nacional, percebemos que não existe grande variabilidade no que diz respeito ao propósito a estudar, remetendo sempre para uma análise da problemática em geral – analisar a relação entre a violência no namoro e a exposição/ vitimação de violência interparental – e

particularmente em algumas situações, explorar todos os fatores que possam advir e possivelmente ser influenciadores dessa relação (e.g. sexo, idade, estrutura familiar).

A nível de tipologia de estudo, encontrámos uma característica transversal em alguns dos estudos analisados, nomeadamente o facto de serem longitudinais (sete estudos; Arriaga & Foshee, 2004; Cui, Durtzchi, Donneland, Lorenz, & Conger, 2010; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Makin – Byrd & Bierman, 2013; Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005; Tschann, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009; Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004;). Esta característica permite acompanhar e observar os participantes de forma regular e longa num determinado período de tempo e concluir não só a relação que existe entre fenómenos como também averiguar quais as consequências que podem advir a longo prazo. Os restantes estudos (17) são estudos transversais, isto é, procuram analisar a relação entre violência no namoro e exposição à violência interparental num determinado período de tempo.

Por fim, todos os estudos analisados são de índole quantitativo.

1.2.2. Características da amostra.

Como se pode verificar na tabela síntese dos estudos internacionais e nacionais (cf. Tabela 1) todos integram amostras normativas, ainda que de diversos grupos específicos (e.g. acompanhamento desde a infância até à adolescência/juventude (2), jovens (6), jovens adultos (4), estudantes (10) e também universitários (3)), tendo sido a recolha efetuada pelos investigadores.

Relativamente ao N utilizado pelos diferentes estudos internacionais, existe uma divergência ligeiramente acentuada neste âmbito, tendo-se verificado que o

mínimo de população recolhida foi de 99 no estudo de Carr e Vandeußen (2002) e o máximo de 4.191 (Gómez, 2011). Em relação aos estudos nacionais, encontramos pouca diferença no número de participantes que integraram os três estudos realizados, sendo que dois apresentavam alguma proximidade (283 e 266 participantes - Oliveira, 2009 e Doroteia, 2013, respetivamente) e apenas um contemplava numa amostra maior (1.476 participantes – Oliveira, 2014).

Relativamente às características etárias dos participantes, verificámos que um número significativo de estudos (12) centrou-se na adolescência (11 – 19 anos) e jovens adultos (20 – 31 anos), (7). É de referir que, em número significativamente inferior, existiram estudos (3) que integraram nas suas amostras faixas etárias mais alargadas, nomeadamente um com uma média de idades onde o mínimo era 13.8 e o máximo de 31 anos (Ehrensaft *et al.*, 2003), outro desde o infantário até aos 18 anos (Makin – Byrd & Bierman, 2013) e por fim, dos 18 – 40 anos (Jankowski *et al.*, 1999).

No que diz respeito aos estudos nacionais, não encontramos diferenças significativas nas faixas etárias utilizadas, visto que todos recrutaram adolescentes/jovens adultos (15 – 21 anos).

Por fim, e em relação ao sexo dos participantes envolvidos, podemos verificar que a grande maioria (23 estudos) procurou integrar uma amostra equilibrada em termos de sexo. Não obstante, três estudos apresentaram maior desequilíbrio nesta matéria, sendo que em dois (Douglas & Straus, 2006; Milletich, Kelley, Doanne, & Pearson, 2010) se registou uma preponderância de participantes do sexo feminino e um outro (Carr & Vandeußen, 2002) apenas contemplou participantes do sexo masculino.

1.2.3. Instrumentos utilizados.

Apesar de existir uma grande variabilidade de instrumentos que avaliam as mesmas dimensões, verificámos alguma consensualidade entre os estudos internacionais no que diz respeito ao instrumento utilizado para avaliar a violência no namoro, recorrendo a maioria ao *Conflict Tactics Scale (CTS; Straus, 1970)* (11) e ao *The Revised Conflict Tactics Scale (CTS 2; Straus et al., 1996)* (5).

No entanto, outros instrumentos também foram utilizados, apesar de registarem menor expressividade para avaliar a violência no namoro, nomeadamente o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI; Wolfe, Scott, Wekerle, Grasley & Straatman, 2001)* (3), e o instrumento *Conflict in Relationships Scale (CIR; Wolfe, Reitzel – Jaffe, Gough & Wekerle, 1994)* (1). Foram criados os seguintes instrumentos para o efeito Questionário relativo à vitimação no namoro (Arriaga & Foshee, 2004) (1); Questões referentes à perpetração de violência no namoro (Foshee et al., 2005) (1); *Youth Verbal Aggression to Space/Partner* (Cui et al., 2010) (1), *Youth Physical Aggression to Space/Partner* (Cui et al., 2010) (1), *Spouse Partner Verbal and Physical Aggression* (Cui et al., 2010) (1), *Escala de Agressão no Namoro* (Laporte et al., 2011) (1), *Escala de Vitimação no Namoro* (Laporte et al., 2011) (1).

Relativamente aos instrumentos usados para avaliar a violência interparental, também encontrámos uma diversidade de instrumentos, onde após uma análise conseguimos concluir que alguns autores recorreram ao *Conflict Tactics Scale (CTS; Straus, 1971)* (5), contudo adequaram o mesmo para comportamentos parentais e *Conflict Tactics Scale Parent – Child (CTS – PC; Straus, 1979)* (2). Foram também utilizados o *Childhood Trauma Maltreatment (CTQ; Bernstein et al., 1997)* (1), *The*

Childhood Trauma Questionnaire – Short Form (CTQ – SF; Bernstein *et al.*, 2003) (1); *The Multidimensional Assessment of Interparental Conflict* (MAIC; Tschann *et al.*, 1999) (1), *The Exposure to Abusive and Supportive Environments Parenting Inventory* (EASE-PI; Nicholas & Bieber, 1997) (1), *Adult – Recall Version of The Revised Tactics Scale* (CTS 2 – CA; Straus, 2000) (1). Em diversos estudos foi notável a construção de questionários para o devido efeito, nomeadamente *Checklist com itens relativos à violência interparental* (Breslin, Riggs, O’Leary, & Arias, 1990) (1); *o recurso a itens relativos à violência na infância* (O’Keefe, 1998) (1); *Escala para avaliar a violência na infância/ testemunho de violência e identificação do alvo* (Ehrensaft *et al.*, 2003 e Gover, Kaukinen, & Fox, 2008) (2); *Questões referentes à violência interparental* (Arriaga & Foshee, 2004; Foshee *et al.*, 2005; Fehringer & Hindin, 2009) (3); *Child Sexual Victimization Questionnaire* (Finkelhor, 1979) (1); *Questões referentes às experiências de violência física proveniente dos pais* (Douglas & Straus, 2006) (1); *Interparental Verbal Aggression* (Cui *et al.*, 2010) (1), *Interparental Physical Aggression* (Cui *et al.*, 2010) (1); *Parent Verbal Aggression to Adolescent* (Cui *et al.*, 2010) (1); *Parent Physical Aggression to Adolescent* (Cui *et al.*, 2010) (1); *Questionário construído para avaliar a experimentação/ testemunho de violência interparental* (Gover *et al.*, 2011) (1); *Escala de vitimação na infância* (Laporte *et al.*, 2011) (1) e *Questionário para avaliação de violência interparental* (Kim, Kim, & Choi, 2014) (1).

Relativamente aos estudos nacionais, verificámos que para avaliar a violência no namoro as escolhas recaíram sobre o *Inventário de Violência Conjugal* (IVC; Machado, Matos, & Gonçalves, 2000) (2) e o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI; Saavedra, 2011) (1). No que diz respeito à

violência interparental, dois estudos recorreram à escala *Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I.; Sani, 2003)*, enquanto o outro recorreu ao *Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC; Sani, 2003)*.

1.2.4. Resultados.

A análise realizada aos diferentes estudos aos quais acedemos, na tabela 1, permite-nos verificar que existe uma relação significativa entre a experienciação de violência interparental e a violência no namoro. Foram diversas as investigações (23) conduzidas por diferentes autores que concluíram a existência dessa relação, mesmo se tratando de estudos realizados em contextos culturais distintos (e.g. E.U.A. e Ásia) e realizados com espaços temporais também distintos (e.g. entre 1990 e 2014).

Contudo, através da análise foi possível verificar que um estudo realizado nos E.U.A. (Arriaga & Foshee, 2004) identificou a existência de um factor com forte potencial de influência na violência no namoro, mais concretamente a exposição à violência no namoro perpetrada no grupo de pares.

Nos estudos nacionais, apesar de terem sido recolhidos em menor quantidade, as três investigações às quais acedemos demonstraram também uma relação positiva entre as variáveis “testemunhar/ experienciar violência interparental” e a “violência no namoro”.

Nas relações amorosas existem quatro tipos de violência que podem ocorrer. Através da análise realizada aos estudos internacionais acedidos, verificámos que o tipo de violência mais referido pelos investigadores foi a violência física (4 estudos),

seguidamente a violência psicológica (3 estudos). Contudo, e em minoria, alguns referiram a violência sexual (apenas 2 estudos) e a verbal (2 estudos).

No que concerne aos estudos nacionais, conferimos que a tipologia de violência mais frequentemente analisada nos estudos foi a violência psicológica/emocional (3 estudos), logo seguida surge a violência física (2 estudos). Por fim, o tipo de violência menos usual terá sido a violência verbal (1 estudo).

Tomando em consideração os indicadores de perpetração da violência nas relações de namoro, a análise que realizámos remete-nos para uma diversidade de dados encontrados. De forma global, nos 21% dos estudos acedidos e registados num âmbito internacional encontrámos que os indicadores de perpetração de violência nas relações de namoro situam-se entre 17.2% (Jankowski *et al.*, 1999) e os 49% (O'Keefe, 1998). Em relação aos estudos nacionais, de forma global verificamos que todos os estudos referiram que os seus participantes admitiram a perpetração de violência nas suas relações, onde os dados oscilam entre 24.8% (Oliveira, 2014) e os 45.1% (Oliveira, 2009).

Remetendo o mesmo tipo de análise, a despeito do indicador de vitimação, surge-nos mais uma vez uma diversidade de dados encontrados. Assim sendo de forma global, os indicadores de vitimação no namoro registados por 21% dos estudos internacionais analisados, oscilam entre 17.3% (Jankowski *et al.*, 1999) e os 55% (O'Keefe, 1998). Respeitante aos estudos nacionais, de forma global, todos os estudos também referiram a existência de vitimação, oscilando os dados entre os 22.4% (Oliveira, 2014) e os 57% (Oliveira, 2009).

Nas diferentes investigações conduzidas sobre a relação violência no namoro e experienciar violência interparental, parece persistir alguma controvérsia quanto à

distribuição da violência em função do gênero, quer em termos de vitimação, quer na perpetração. De seguida iremos analisar os resultados obtidos pelos estudos internacionais.

No que diz respeito à distribuição do gênero masculino em função da perpetração de violência, registados em 50% estudos, foi possível verificarmos que os indicadores oscilam entre os 16.1% (Milletich *et al.*, 2010) e os 36.6% (Wolfe *et al.*, 2001). No entanto, no que diz respeito ao gênero feminino, nos 50% dos estudos analisados os indicadores de prevalência situam-se entre os 22% (Ehrensaft *et al.*, 2003) e os 61% (Gómez, 2011).

Em relação aos estudos nacionais, dois estudos apresentaram os indicadores de prevalência em função do gênero e ambos de formas diferentes. Em relação ao gênero masculino, Oliveira (2014) apurou que 46.5% dos participantes já tinham perpetrado algum tipo de violência no namoro. O outro estudo (Oliveira, 2009) verificou que dos participantes que estavam actualmente envolvidos numa relação amorosa, 23 teriam perpetrado algum tipo de violência. Em relação ao grupo de participantes que não estavam numa relação, 60 participantes admitiram que já tinham recorrido ao uso de violência nas suas relações. No que se refere ao gênero feminino, um estudo (Oliveira, 2014) apurou que 53.3% dos participantes já teriam recorrido ao uso de violência, enquanto outro estudo (Oliveira, 2009), dos que estavam numa relação 27 participantes já teriam recorrido ao uso de violência e dos que não estavam atualmente numa relação, 47 participantes, já teriam recorrido ao uso de violência.

No que respeita à vitimação em função do gênero dos participantes e no caso dos rapazes verificamos em 29% dos estudos que os dados também oscilam entre os

20% (Ehrensaft *et al.*, 2003) e os 51% (Gover *et al.*, 2011). Em relação ao género feminino, registados em 29% dos estudos os dados variam entre os 17% (Ehrensaft *et al.*, 2003) e os 60% (Gover *et al.*, 2011).

Nos estudos nacionais, em relação à vitimação e ao género masculino, encontrámos num estudo (Oliveira, 2014) que 42.9% dos participantes já tinham sofrido de vitimação no namoro. Noutro estudo (Oliveira, 2009), os que estavam actualmente numa relação, 22 participantes já tinham sofrido de vitimação e os que não estavam numa relação, 80 participantes referiram já ter sido vítimas de violência numa relação amorosa.

Relativamente à vitimação de violência em função do género feminino, no estudo de Oliveira (2014) 57.1% dos participantes referiram já ter sido vítimas de violência no namoro e noutro estudo (Oliveira, 2009), dos participantes que estavam actualmente numa relação, 35 participantes já teriam sido vítimas de violência no namoro e 55 participantes dos que não estavam actualmente numa relação, já teriam também sido vitimizados.

1.2.5. Síntese e discussão dos resultados.

Da passagem em revista dos diversos estudos realizados no sentido de analisar a relação entre a violência no namoro e a experiencição de violência interparental, destaca-se desde logo o facto de se tratar de um tema amplamente estudado no contexto internacional (devido à publicação de investigação desde o ano 1990), onde os estudos se debruçam em grande parte na relação entre a exposição à violência interparental e a violência no namoro.

Contudo a nível nacional, não podemos afirmar o mesmo. Após toda a revisão, consideramos que a literatura nacional mostra-se escassa (atendendo ao número reduzido de estudos publicados nos últimos cinco anos e à inexistência de estudos anteriores a essa data), necessitando de maior investimento científico de forma a colmatar muitas lacunas existentes.

A revisão de literatura permite verificar que neste tema existem diversos aspetos semelhantes entre estudos, como por exemplo faixas etárias semelhantes, sexo, instrumentos utilizados e até resultados obtidos. No entanto, é de salientar que de facto alguns estudos optam por analisar a temática através de métodos de estudo diferentes, nomeadamente uns optam por estudos longitudinais (Arriaga & Foshee, 2004; Cui, Durtshi, Donneland, Lorenz, & Conger, 2010; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Makin – Byrd & Bierman, 2013 Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005; Tschann, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009; Wolfe, Wekerle, Scott, Straatman, & Grasley, 2004) e outros através do tipo de estudo transversal. Efetivamente, um acompanhamento num espaço temporal considerativo, permite uma melhor análise, tanto na avaliação de diversas variáveis e também das consequências.

A violência no namoro abarca qualquer tipologia de violência, que surge como sendo um fator bastante presente nas relações de namoro dos adolescentes/jovens, tanto no recurso à perpetração de violência como de vitimação, tal como pode ser verificado nas tabelas 1 e 2. A nível internacional, a tipologia reportada como mais frequente foi a violência física. Uma justificação plausível para tal será o facto de a maioria dos estudos optarem por analisar apenas a violência física, negligenciando de certa forma as restantes tipologias de violência, e só

posteriormente é que começou-se a analisar a violência psicológica, o que conduz a uma visão microscópica do fenómeno (Caridade, 2011). Recentemente, a maioria dos estudos já englobam todas as tipologias de violência e é documentado que a prevalente será a violência psicológica (Caridade, 2011).

De seguida surgirá a violência psicológica, a sexual e a verbal. Os diferentes estudos conduzidos no contexto português revelam uma preponderância da violência psicológica, seguido da violência física e por fim, a violência sexual. Onde neste contexto os estudos analisam qual a prevalência da tipologia no geral, não excluindo nenhuma.

Ainda de forma complementar à informação supra referida, no que diz respeito ao recurso de violência, este é um ato presente e o tipo de violência mais recorrentemente utilizado nas relações amorosas é a física (Car & Vandeusen, 2002; Douglas & Straus, 2006; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Kingsfogel & Grych, 2004; Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005). Mais uma vez, esta poderá ser justificada à semelhança da anterior, na medida em que alguns estudos comprovam a que este tipo de violência é realmente a qual recorrem mais e ainda devido a algumas investigações que analisamos se centrarem exclusivamente na violência física.

De seguida surge a violência psicológica/ emocional (Black, Sussman, & Unger, 2010; Gover, Kaukinen & Fox, 2008; Gover, Park, Tamsich & Jennings, 2011). Assim, a tipologia de violência menos admitida nas investigações foi a sexual (Car & Vandeusen, 2002, Wolfe, Scoot, Wekerle, & Pittman, 2001;) e a verbal (Kingsfogel & Grych, 2004; Tschann, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009).

Não obstante, não poderíamos deixar de referir que a vitimação também esteve bastante presente nas relações de namoro dos jovens. Apesar de em diversas investigações não estar definido em concreto qual a tipologia de violência mais presente (Arriaga & Foshee, 2004; Gómez, 2011; Jankowski, Leitenberg, Hennings & Coffey, 1999; Makin – Byrd & Bierman, 2013; O’Keefe, 1998; Taschann, Pasch, Flores, Marin, Baisch & Wibbelsman, 2009), dentro da nossa revisão de literatura internacional a mais frequentemente admitida é a física (Douglas & Straus, 2006; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005). A segunda tipologia de violência que a revisão aponta como sendo sofrida, será a psicológica/ emocional (Black, Sussman, & Unger, 2010; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008).

Algo que não tem sido consensual na literatura e que tem gerado alguma controvérsia nas diversas investigações é a relação que existe entre o género e o recurso a comportamentos violentos nas relações amorosas. De forma recorrente, as investigações têm apontado para o género feminino como aquele que mais frequentemente recorre a comportamentos violentos, nomeadamente físicos e psicológicos, oscilando com percentagens distintas entre 22% e os 87.7% (Breslin, Riggs, O’Leary, & Arias, 1990; Cui, Durtschi, Donnelland, Lorenz, & Conger, 2010; Douglas & Straus, 2006; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Fehringer & Hindin, 2009; Gómez, 2011; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Milletich, Kelley, Doanne, & Pearson, 2010; Oliveira, 2009; Oliveira, 2014; Tasch, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009; Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013; Wolfe, Scott, Wekerle, & Pittman, 2001).

No entanto, no que respeita à relação entre o género e a vitimação de comportamentos violentos, os resultados apurados têm vindo a demonstrar alguma ambiguidade. Existe quem defenda o género feminino, afirmando que se trata do mais vitimizado, oscilando entre os 53% e os 57.1% (Douglas & Straus, 2006; Gómez, 2011; Oliveira, 2009; Oliveira, 2014). No entanto, existe também quem assegure que se trata do género oposto (Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Fehringer & Hindin, 2009; Oliveira, 2009; Milletich, Kelly, Doanne, & Pearson, 2010; Taschan, Pasch, Flores, Marin, Baisch, & Wibbelsman, 2009;), oscilando entre os 20% e os 33%.

Apesar desta não conformidade em relação à violência em função do género, é notório que o género feminino tanto surge mais frequentemente relacionado com a perpetração de violência bem como com a vitimação. No entanto, o género masculino também tem surgido mais frequentemente associado à vitimação, e poucas vezes também surge associado como principal perpetrador de violência nas suas relações.

Através da revisão de literatura, verificámos que de facto a grande maioria, quer se trate do contexto internacional quer português, comprova e aponta para a existência de uma relação bastante significativa entre a ocorrência de violência no namoro e a exposição à violência interparental. Mais concretamente, a literatura tem comprovado que um jovem que tenha testemunhado ou experienciado episódios de vitimação de violência no seu meio familiar, de forma direta ou indireta, poderá adotar ou vir a sofrer comportamentos abusivos nas suas relações de namoro (e.g. Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Jankowski, Leitenberg, Henning, & Coffey, 1999; O'Keefe, 1998; Oliveira 2009; Oliveira, 2014).

No entanto, num estudo em específico analisado por nós, com a autoria de Arriaga e Foshee (2004), é documentado que existe uma variável com maior influência para a violência no namoro, sendo esta o testemunho de violência no namoro em relações no grupo de pares onde o indivíduo esteja inserido. Nesta linha de pensamento, esta exposição terá maior influência num indivíduo, no que diz respeito à perpetração/vitimação de violência nas suas relações de namoro do que propriamente a sua exposição à violência interparental (Arriaga & Foshee, 2004).

Contudo, esta relação direta entre a violência no namoro e a exposição/vitimação de violência interparental que se tem verificado nas investigações, permite também afirmar que não só existem consequências para as idades juvenis como também existem severos riscos em relações amorosas na idade adulta, ou seja, também influencia no desencadeamento de comportamentos violentos ou de vitimação para com um parceiro/a em relacionamentos conjugais (Black, Sussman, & Unger, 2010; Ehrensaft, Cohen, Brown, Smailes, Chen, & Johnson, 2003; Gómez, 2011; Milletich, Kelley, Doanne & Pearson, 2010).

Ainda assim, apesar de existir na literatura quem defenda a existência de uma relação positiva entre o testemunho de violência interparental e a perpetração de violência e/ou vitimação no namoro, existem indivíduos que apesar de estarem expostos à violência interparental, estes não replicam esses comportamentos de violência nas suas relações amorosas, isto quer dizer que por vezes não se verifica a intergeracionalidade de violência (O' Keefe, 1998). Existem ainda situações em que indivíduos não sendo confrontados com qualquer drama familiar e no entanto, adoptam também comportamentos e estratégias violentas para quaisquer resoluções de conflitos para com o(a) parceiro(a) amoroso(a) (Caridade & Machado, 2013).

Existem diversos fatores que podem servir como mediadores entre a exposição à violência interparental e a violência nas relações íntimas, justificando a tese de que a intergeracionalidade de violência nem sempre se aplica. Neste sentido, foram identificados diversos mecanismos psicológicos, nomeadamente características da personalidade, atitudes de género, estratégias de resolução de conflitos e mecanismos de coping. É ainda apontada como mediador a frequência e a gravidade da violência que é observada, o género de quem observa e o modelo, qual o papel assumido (e.g., o de agressor ou de vitimado) e ainda o tipo de violência entre os pais (e.g., violência direta ou vicariante) (Caridade, 2011).

Contudo, existem estudos que apontam que a violência experienciada na infância poderá assumir um papel moderador na violência nas relações amorosas, onde as experiências de violência precoces promovem, de forma indirecta, violência no namoro (Caridade, 2011).

Parte II – Componente Empírica

1. Objetivos do estudo

Atendendo à comprovada intergeracionalidade da violência e à necessidade de romper com a mesma, a presente dissertação tem como principal objetivo analisar a relação entre a violência ocorrida nas relações de intimidade dos jovens e a violência experienciada no seio familiar. De forma mais específica, pretende-se:

1. Caracterizar a prevalência do abuso ocorrido nas relações íntimas em jovens, em termos de vitimação e agressão;
2. Analisar a existência de diferenças de género na violência no namoro;
3. Caracterizar o tipo de experiências abusivas testemunhadas no contexto familiar;
4. Analisar a existência de diferenças de género na experimentação de violência familiar;
5. Analisar a existência de algum tipo de relação entre o abuso perpetrado e/ou sofrido no namoro e os maus tratos experienciados na família.

2. Método

A presente investigação envolve a realização de um estudo quantitativo, descritivo, correlacional e transversal, baseado em medidas de autorrelato, com recurso ao inquérito através da técnica do questionário.

2.1. Amostra.

Em relação aos critérios utilizados aquando da seleção dos participantes, em primeiro lugar definimos que deveriam ter uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos de idade, e em segundo que já tivessem possuído pelo menos uma relação amorosa.

Assim a amostra deste estudo é constituída por 505 participantes, sendo 80.6% (N = 407) do sexo feminino e 19.4% (N= 98) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos de idade (M=21.76, D.P.=2.15).

Relativamente às habilitações literárias dos participantes, a maioria da amostra possui uma licenciatura (47.3%), seguido do 12º ano (38.6%), o mestrado (10.7%) e com percentagens menores surge o bacharelato (2.2%) e estudos entre o 4º - 9º ano (1.2%) (cf. Tabela 1).

No que respeita à área de residência, como expectável, a maioria da amostra relatou residir num meio urbano (78%) e apenas uma pequena percentagem referiu residir em meios rurais (22%) (cf. Tabela 1).

Em relação à situação relacional, a grande maioria da amostra afirmou possuir, no momento do preenchimento do protocolo de instrumentos, uma relação amorosa (73.1%), sendo que apenas uma pequena parte atualmente não se encontrava inserida numa relação amorosa mas já tinha estado no passado (26.9%) (cf. Tabela 1). A média do tempo de duração da relação amorosa é de 34 meses com um desvio padrão de 50.56.

Tabela 1

Caraterísticas sociodemográficas (n= 505).

| | | Frequência Absoluta (n) | Frequência Relativa (%) |
|----------------------------|---|----------------------------|----------------------------|
| Sexo dos participantes | Feminino | 407 | 80.6 |
| | Masculino | 98 | 19.4 |
| Habilitações literárias | 4° - 9° ano | 6 | 1.2 |
| | 12° ano | 195 | 38.6 |
| | Bacharelato | 11 | 2.2 |
| | Licenciatura | 239 | 47.3 |
| | Mestrado | 54 | 10.7 |
| Área de residência | Meio urbano | 394 | 78 |
| | Meio rural | 111 | 22 |
| Situação relacional | Atualmente, possui uma relação amorosa | 369 | 73.1 |
| | Atualmente não posso qualquer relação amorosa, mas já teve no passado | 136 | 26.9 |

2.2. Instrumentos.

Os instrumentos utilizados neste estudo foram selecionados tendo em conta a problemática a estudar, isto é, de forma que permitissem explorar a relação entre a violência nos seus relacionamentos amorosos e a vitimação/exposição a conflitos interparentais e a violência nos seus relacionamentos amorosos.

Assim para a realização deste estudo optamos pelos dois seguintes instrumentos, ambos validados para a população portuguesa: *Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2)* e *Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI)*.

De forma que fosse possível avaliar as relações íntimas, através do ponto de vista do participante, decidimos utilizar o instrumento Escala de Táticas do Conflito Revisada (CTS2) da autoria de Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996) e a qual foi adaptada e validada para a população portuguesa por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo (2002) (cf. Anexo 1). Trata-se de um dos instrumentos mais utilizados no contexto internacional para estudar a violência ocorridas nas relações de namoro, tal como o ilustrado no capítulo II.

Este instrumento tem como objetivo avaliar quantitativamente as relações amorosas e perceber de que forma os casais vivenciam as mesmas, se resolvem os seus conflitos através de estratégias de resolução ou através do uso da violência, optando por a) abuso físico sem sequelas, b) agressão psicológica, c) abuso físico com sequelas, ou d) coerção sexual.

A composição deste instrumento é de 39 itens agrupados, perfazendo um total de 78 questões com um breve formato, permitindo conhecer o número de ocorrências durante o último ano. Como opção de resposta apresenta oito categorias, onde as seis primeiras remetem para determinar a cronicidade e prevalência no último ano: 1) uma vez no ano anterior; 2) duas vezes no ano anterior; 3) 3 -5 vezes no ano anterior; 4) 6 – 10 vezes no ano anterior; 5) 11 – 20 vezes no ano anterior; 6) mais de 20 vezes no ano anterior; e as restantes destinadas a determinar a

prevalência global: 7) não no ano anterior mas já aconteceu anteriormente; e a inexistência deste tipo de abuso: 8) isso nunca aconteceu.

Os valores apurados de consistência interna total (alpha de Cronbach) para a versão portuguesa do CTS-2 foram os seguintes: 0.79 para a agressão e 0.80 para a vitimação. De forma mais específica ao nível da perpetração, a agressão psicológica apresentou um alfa de 0.68, o abuso físico sem sequelas de 0.78, a coerção sexual de 0.56, o abuso físico com sequelas de 0.50. Ao nível da vitimação psicológica registou-se um alfa de 0.64, na vitimação física sem sequelas de 0.74, na coerção sexual de 0.51 e na vitimação física com sequelas foi de 0.47 (Paiva & Figueiredo, 2006).

Na presente investigação obtivemos um valor de consistência interna total (alpha de Cronbach) de 0.93. E de forma específica, obtivemos um valor de consistência interna de 0.68 no agressão psicológica; 0.83 no abuso físico sem sequelas; 0.59 na coerção sexual; e 0.86 no abuso físico com sequelas.

Com o objetivo de caracterizar o meio familiar, partindo do ponto de vista do participante, de forma a identificar a existência de situações de violência, vitimação e/ou exposição, optámos por utilizar a escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (SANI), construída e validada por Sani em 2003.

Esta escala é composta por 30 itens que relatam diversas situações de violência física (fator 1), emocional (fator 2), coerção (fator 3) e controlo (fator 4), apresentando dois formatos de resposta, tipo likert [0= nunca (nenhuma vez); 1 = poucas vezes (ou 2 vezes nesse ano); 2= às vezes (mais de 2 ou 3 vezes nesse ano); 3= muitas vezes (cerca de 1 vez por mês) e 4= quase sempre (mais de uma vez por

mês)] e em formato de *checklist* onde remete para a identificação do alvo de violência.

Na construção e validação da escala, a sua autora apurou uma consistência interna total (alpha de Cronbach) de 0.92. Em relação à consistência entre fatores obtiveram valores entre 0.73 e 0.86.

No presente estudo obteve-se também uma boa consistência interna total (alpha de Cronbach), sendo esta de 0.93 e entre fatores obtiveram-se os seguintes valores: fator 1 de 0.87, fator 2 de 0.87, fator 3 de 0.75 e o fator 4 de 0.71.

2.3. Procedimentos.

No que diz respeito aos procedimentos, em primeiro lugar foi realizado o protocolo de investigação e solicitadas as devidas autorizações aos autores dos instrumentos (CTS-2 e SANI) a fim de poderem ser utilizados no presente estudo.

Seguidamente os instrumentos foram colocados numa plataforma *online* – Google Docs – apresentando-se inicialmente uma breve explicação do estudo (objetivos e critérios de participação, nomeadamente o facto de se encontrarem na faixa etária compreendida entre os 18 e os 25 anos e o facto de possuírem experiência relacional). Foi ainda apresentado o consentimento informado aos participantes, dando a garantia da existência de um total anonimato, confidencialidade e seguimento rígido de todos os procedimentos éticos e deontológicos.

Para garantir que o consentimento informado era dado pelos participantes, criou-se uma formatação em que só quem seleccionava em “aceito” progredia para o restante protocolo. Após terminarem o preenchimento dos questionários, os

participantes eram confrontados com diversas linhas de apoio (CPCJ, GNR, PSP, APAV, centros de saúde e hospitais) às quais poderiam recorrer caso necessitassem. O conjunto de instrumentos foi divulgado através das redes sociais.

O período de recolha da amostra situou-se entre o mês de Julho de 2014 e Outubro de 2014.

Após finalizada a recolha de dados, os dados foram extraídos e reunidos numa base de dados e sujeitos a tratamento estatístico através do um programa informático *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 22.0.

2.4. Análise de dados.

Os dados recolhidos neste estudo foram sujeitos a análises estatísticas com recurso ao programa informático IBM SPSS 20.0 (Statistical Package for the Social Sciences), sendo feitas análises descritivas para a caracterização da amostra e para estimar a prevalência dos diferentes tipos de abuso íntimo medidos pela Escala Tática de Conflitos, bem como a Escala de Sinalização do Ambiente Familiar na Infância. Nas análises inferenciais, optou-se por cruzar apenas o sexo dos participantes com a Escala Tática de Conflitos e a Escala de Sinalização do Ambiente Familiar na Infância, por esta constituir a variável sociodemográfica mais frequentemente analisada nos estudos conduzidos neste domínio. Assim, realizamos testes de associação (Qui-Quadrado) para analisar a relação entre o sexo dos participantes e os diferentes tipos de abuso íntimo; o sexo dos participantes e a exposição/ vitimação de violência interparental, bem como a relação entre experienciação de abuso íntimo e a exposição/ vitimação de violência interparental.

3. Apresentação dos resultados

3.1. Prevalência do abuso íntimo nos participantes.

Um dos objetivos desta investigação era caracterizar a prevalência do abuso íntimo dos participantes, em termos de perpetração e vitimação.

Neste objetivo optámos apenas por analisar apenas os participantes que se encontravam, no momento da recolha de dados, envolvidos numa relação amorosa e assim, no conjunto dos participantes incluídos neste estudo (N=505) apenas fizeram parte desta análise estatística 369 participantes.

As diferentes tipologias de violência no namoro foram extraídas através do instrumento CTS – 2, e atendendo à análise (cf. Tabela 2) dos mesmos no que diz respeito à perpetração de violência, verificamos que a grande maioria dos participantes assumiram ter perpetrado violência psicológica (52.3%) nas suas relações de namoro.

De seguida, surge a coerção sexual (28.5%) e a agressão física sem sequelas (22%) como sendo as tipologias mais utilizadas pelos participantes nas suas relações amorosas. Por fim, a tipologia menos admitida pelos participantes, terá sido a violência física com sequelas (3.8%).

Esta diferenciação encontra-se igualmente distribuída no que diz respeito à vitimação, onde a violência psicológica surge como sendo a mais admitida (50.4%) pelos participantes. Em segundo lugar, os participantes admitiram sofrer com alguma frequência coerção sexual (33.6%) e também vitimação de violência física sem sequelas (21.4%) com o/a seu/sua parceiro/a. Em menor número, logo o tipo de violência menos admitido e frequente perante os participantes, foi a violência física com sequelas (3%).

Tabela 2

Prevalência do abuso psicológico, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual (n=369).

| | Tipos de abuso | Frequência Absoluta | Frequência Relativa |
|-------------|---------------------|---------------------|---------------------|
| | | (n) | (%) |
| Perpetração | Psicológico | 193 | 52.3 |
| | Físico sem sequelas | 81 | 22 |
| | Físico com sequelas | 14 | 3.8 |
| | Coerção sexual | 105 | 28.5 |
| Vítimação | Psicológico | 186 | 50.4 |
| | Físico sem sequelas | 79 | 21.4 |
| | Físico com sequelas | 11 | 3 |
| | Coerção sexual | 124 | 33.6 |

3.2. Prevalência do abuso íntimo e gênero dos participantes.

Um segundo objetivo a analisar nesta investigação, era verificar qual a relação entre a prevalência do abuso íntimo e o gênero dos participantes (cf. Tabela 3).

No que respeita à perpetração de violência, a tipologia que assume maior preponderância relativamente com os outros tipos de abuso, terá sido a violência psicológica, sendo assumido por 75% dos participantes do sexo masculino e 71.8% do sexo feminino, não se registando, portanto, diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=.194$, n.s.).

Em relação à tipologia da coerção sexual, foi admitida maioritariamente por 46% dos rapazes e 26.7% das raparigas que assumiram a perpetração deste tipo de violência e aqui foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=9.183$, $p=.002$).

No abuso físico sem sequelas, verificámos que 26.3% das raparigas assumiram um maior recurso comparativamente com os 17% dos rapazes, mas uma

vez, mais não foram detetadas diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=2.279$, n.s.).

A agressão física com sequelas surgiu como a menos prevalente entre o género dos participantes, isto é, apenas 4.4% das participantes do género feminino assumem o recurso a esse tipo de perpetração comparativamente com o 1.6% dos rapazes, não se verificando contudo diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=1.143$, n.s.).

O mesmo tipo de análise foi realizado em relação ao padrão de vitimação de violência e não foram encontradas quaisquer diferenças estatísticas entre o género dos participantes e o tipo de abuso íntimo.

De forma mais específica, o abuso de violência psicológica surge como a tipologia mais reportada, assumido por 74% dos rapazes e 66% das raparigas, não havendo diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=1.068$, n.s.). Por outro lado, a coerção sexual foi também admitida maioritariamente por 40.3% dos rapazes e 35.9% das raparigas, não existindo de igual forma diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=.432$, n.s.).

No que diz respeito ao abuso físico sem sequelas, embora um pouco menos prevalente, foi assumido por 23.6% do sexo feminino e por 22% do sexo masculino e mais uma vez não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=.064$, n.s.).

Por fim, a tipologia menos reportada foi o abuso de violência física com sequelas, onde verificámos que 3.4% dos participantes de género feminino assumiu ser vítima deste tipo de violência comparativamente com os 1.5% de rapazes.

Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2=0.653$, n.s.).

Tabela 3

Associação entre o abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual) e o sexo dos participantes (N = 369).

| | Sexo (%) | | χ^2 | |
|-------------|---------------------|-----------|----------|----------|
| | Feminino | Masculino | | |
| Perpetração | Psicológica | 71.8 | 75 | 0.194 |
| | Física sem sequelas | 26.3 | 17 | 2.279 |
| | Física com sequelas | 4.4 | 1.6 | 1.143 |
| | Coerção sexual | 26.7 | 46 | 9.183 ** |
| Vítimação | Psicológica | 66 | 74 | 1.068 |
| | Física sem sequelas | 23.6 | 22 | 0.064 |
| | Física com sequelas | 3.4 | 1.5 | 0.653 |
| | Coerção sexual | 35.9 | 40.3 | 0.432 |

* p < .050; ** p < .010; *** p < .001

3.3. Caracterização das experiências abusivas que os jovens experienciam no seu contexto familiar.

Um terceiro objetivo nosso centrava-se em caracterizar as experiências abusivas, diretas ou indirectas, ocorridas no contexto familiar (cf. Tabela 4).

De modo geral, conseguimos apurar que grande maioria da nossa amostra já testemunhou ou foi vítima de qualquer tipo de violência interpaparental (80.8%).

De forma específica, o tipo de violência mais admitido e presente no contexto familiar dos participantes terá sido a violência emocional (74.3%). Em segundo lugar, surge o controlo (65.9%) e em terceiro a coerção (34.5%). Por fim, e com menor percentagem, os participantes terão referido a violência física (16.4%) como a pouco usual no que diz respeito à vitimação/exposição à violência interpaparental.

Outro dos objetivos deste estudo aponta para uma análise da relação entre a exposição/ vitimação de violência interparental e o sexo dos participantes.

Assim após a Correlação de Pearson, verificámos que não existe uma correlação estatisticamente significativa entre nenhuma das tipologias de exposição/vitimação de violência interparental e o sexo dos participantes (Violência física: $\chi^2=0.022$, n.s.; Violência emocional: $\chi^2= -0.053$, n.s.; Coerção: $\chi^2= -0.044$, n.s.; Controlo: $\chi^2= -0.005$, n.s.; Totalidade do instrumento: $\chi^2= -0.037$, n.s.) (cf. Tabela 5).

Tabela 4

Frequência da exposição/vitimação às tipologias de violência interparental (N= 505).

| | | Frequência Absoluta (n) | Frequência Relativa (%) |
|---------------------|---------------|----------------------------|----------------------------|
| Violência física | Aconteceu | 83 | 16.4 |
| | Não aconteceu | 422 | 83.6 |
| Violência emocional | Aconteceu | 375 | 74.3 |
| | Não aconteceu | 129 | 25.5 |
| Coerção | Aconteceu | 174 | 34.5 |
| | Não aconteceu | 331 | 65.5 |
| Controlo | Aconteceu | 333 | 65.9 |
| | Não aconteceu | 92 | 18.2 |
| Total SANI | Aconteceu | 408 | 80.8 |
| | Não aconteceu | 92 | 18.2 |

Tabela 5

Correlação entre a exposição/vitimação de violência interparental (violência física, violência emocional, coerção e controlo) e o sexo dos participantes (N=505).

| | Violência física | Violência emocional | Coerção | Controlo | Total SANI |
|------------------------|------------------|---------------------|---------|----------|------------|
| Sexo dos participantes | 0.022 | - 0.053 | - 0.044 | - 0.005 | - 0.037 |

3.4. Relação entre experienciar violência nas relações íntimas em jovens e experiência de violência no seio familiar.

O principal objetivo desta investigação, embora não menos importante que os supra mencionados, era perceber qual a relação que existe entre a violência nas relações de namoro e a exposição/vitimação de violência interparental (cf. Tabela 6).

Focalizando a nossa atenção apenas no grupo da perpetração de violência, encontrámos que a agressão psicológica encontra-se estatisticamente relacionada, quer com o fator 2 (abuso emocional), quer com o fator 4 (controlo) e ainda com a totalidade do instrumento SANI ($\chi^2=.157, p=.010$; $\chi^2=.127, p=.039$; $\chi^2=.129, p=.036$, respetivamente).

Encontrámos também que o abuso físico sem sequelas apresenta uma correlação estatística quer entre o fator 2 (abuso emocional), quer entre o fator 3 (coerção), quer entre fator 4 (controlo) e ainda também com a totalidade do instrumento SANI ($\chi^2=.172, p=.002$; $\chi^2=.185, p=.001$; $\chi^2=.200, p=.000$; $\chi^2=.182, p=.001$, respetivamente).

Neste grupo de perpetração de violência, encontrámos que não existe qualquer relação entre a dimensão coerção sexual (fator 1: $\chi^2= -.026, p=.630$; fator 2:

$\chi^2=.008$, $p=.879$; (fator 3: $\chi^2=.022$, $p=.687$; fator 4: $\chi^2=.097$, $p=.071$; total instrumento S.A.N.I.: $\chi^2=.029$, $p=.593$) e a dimensão abuso físico com sequelas (fator 1: $\chi^2=.036$, $p=.499$; fator 2: $\chi^2=.031$, $p=.566$; fator 3: $\chi^2=.018$, $p=.737$; fator 4: $\chi^2=.061$, $p=.252$; total instrumento sani: ($\chi^2=.044$, $p=.407$) do instrumento CTS com os fatores do instrumento SANI.

O mesmo tipo de análise foi realizado ao padrão de vitimação de violência, e em relação abuso físico sem sequelas verificámos que existe uma associação estatisticamente significativa com o fator 2 (abuso emocional), com o fator 3 (coerção), com o fator 4 (controlo) e ainda com a totalidade do instrumento SANI ($\chi^2=.145$, $p=.008$; $\chi^2=.156$, $p=.004$; $\chi^2=.203$, $p=.000$; $\chi^2=.163$, $p=.003$, respetivamente).

No que diz respeito à coerção sexual, verificámos que esta dimensão surge associada estatisticamente com os fatores 3 (coerção) e 4 (controlo) ($\chi^2=.125$, $p=.022$; $\chi^2=.124$, $p=.023$, respetivamente). Por sua vez, o abuso físico com sequelas mostrou uma relação estatisticamente significativa com os fatores 1 (abuso físico) e 4 (controlo) ($\chi^2=.110$, $p=.038$; $\chi^2=.105$, $p=.048$, respetivamente).

Por fim, sem qualquer associação estatisticamente significativa surge apenas a vitimação psicológica (fator 1: $\chi^2= -.026$, $p=.665$; fator 2: $\chi^2=.108$, $p=.075$; fator 3: $\chi^2=.095$, $p=.116$; fator 4: $\chi^2=.110$ $p=.069$; total instrumento S.A.N.I.: $\chi^2=.094$, $p=.121$).

Deste modo, verificámos que a experiencição de algum tipo de abuso íntimo no namoro medido pela Escala de Táticas do Conflito encontra-se de alguma forma relacionada estatisticamente com a experiencição/vitimação de abuso medido pela Escala Sinalização do Ambiente Natural Infantil.

Tabela 6

Correlação entre o abuso íntimo (agressão psicológica, abuso físico com sequelas, abuso físico sem sequelas e coerção sexual) e a exposição/vitimação de violência interparental (abuso físico, abuso emocional, coerção e controlo).

| | Vitimação | | | | Perpetração | | | |
|----------------------------|---------------------|---------------------|-------------------|---------------|---------------------|---------------------|----------------------|----------------|
| | Física sem sequelas | Física com sequelas | Abuso psicológico | Corção sexual | Física sem sequelas | Físico com sequelas | Agressão psicológica | Coerção sexual |
| Violência física | 0.013 | 0.110 * | - 0.026 | - 0.052 | - 0.001 | 0.036 | - 0.055 | - 0.026 |
| Violência emocional | 0.145 ** | 0.057 | 0.108 | 0.062 | 0.172 ** | 0.031 | 0.157 ** | 0.008 |
| Coerção | 0.156 ** | 0.092 | 0.095 | 0.125 * | 0.185 *** | 0.018 | 0.102 | 0.022 |
| Controlo | 0.203 *** | 0.105 * | 0.110 | 0.124 * | 0.200 *** | 0.061 | 0.127 * | 0.097 |
| Total SANI | 0.163 ** | 0.099 | 0.094 | 0.082 | 0.182 *** | 0.044 | 0.129 * | 0.029 |

* p <.050; ** p < .010; *** p < .001

4. Discussão dos resultados

O objetivo desta investigação centra-se em analisar a relação existente entre a violência no namoro e a exposição/vitimação à violência interparental. Deste modo, e neste capítulo, iremos proceder a uma análise e reflexão crítica aos resultados obtidos, anteriormente apresentados, confrontando-os com os conhecimentos científicos, tanto com a literatura nacional bem como internacional. De um modo geral, alguns dos dados obtidos nesta investigação vão de encontro

com o que é defendido pela literatura, não obstante algumas diferenças encontradas nas variáveis em estudo.

Num primeiro momento, começamos por caracterizar as relações amorosas dos nossos participantes. Desta forma, neste estudo foi possível verificar que a maioria das relações amorosas dos nossos participantes, são pautadas por elevados níveis de violência psicológica, tanto na perpetração (52.3%) como na vitimação (50.4%). Estes dados obtidos vão de encontro às evidências apontadas pela literatura internacional (e.g., Black, Sussman, & Unger, 2010; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Gover, Park, Tomsich, & Jennings, 2011) e literatura nacional (e.g., Barros, 2014; Caridade, 2011; Guerreiro, Pontedeira, Sousa, Magalhães, & Oliveira, 2013; Oliveira, 2009; Oliveira, 2014), na medida em que a maioria dos participantes desses estudos perpetravam ou eram vitimizados por esse tipo de violência nas suas relações amorosas. Neste estudo, obtivemos em segundo lugar, o uso da coerção sexual nas relações amorosas, tanto se trate da perpetração (28.5%) como da vitimação (33.6%). Não obstante, estes resultados são em tudo similares ao apurado em outras investigações que usaram o mesmo instrumento (e.g., Car & Vandusen, 2002; Paiva & Figueiredo, 2004; Wolfe, Scott, Wekerle, & Pittman, 2001).

De seguida, apurámos que o terceiro e quarto tipo de violência mais reportados pela nossa amostra terão sido a violência física sem sequelas, tanto na perpetração (22%) como na vitimação (21.4%), e a violência física com sequelas, também na perpetração (3.8%) e na vitimação (3%).

A violência nas relações amorosas exige de facto um elevado nível de preocupação, e tal pode ser verificado neste estudo, onde as relações amorosas são pautadas por elevados níveis de violência e não podem ser ignoradas as suas causas.

Até porque a literatura tem demonstrado que a violência nas relações tem tendência num aumento com o decorrer do tempo, tanto na frequência como na gravidade, mostrando-se um preditor bastante frequente em casais conjugais (Caridade & Machado, 2006).

Num segundo momento, procurámos perceber qual era a relação que existia entre a prevalência do abuso íntimo e o sexo dos participantes, tanto na perpetração bem como na vitimação. No nosso estudo, apenas encontrámos diferenças de género estatisticamente significativas ao nível da perpetração da coerção sexual, em que os rapazes admitem recorrer mais frequentemente a este tipo de abuso, comparativamente com as raparigas (26.7% vs. 46% respetivamente). Este dado corrobora aquilo que tem sido apurado pela grande maioria dos estudos neste âmbito e usam a mesma medida (CTS-2). Para as restantes tipologias medidas pela Escala Tática de Conflitos, não encontrámos quaisquer diferenças estatisticamente significativas.

Não obstante, encontrámos no nosso estudo alguma paridade de género para os diferentes tipos de violência, com exceção da coerção sexual, o que tem vindo a ser apontado em algumas investigações (e.g., Caridade, 2011; Cercone, Beach & Árias, 2005; Follette & Alexander, 1992; Machado, Caridade & Martins, 2010; Perry & Fremuth, 2005; Straus, 2004; Windle & Mrug, 2009).

É importante referir que em relações amorosas, existem cada vez mais a possibilidade de existirem diversas formas de violência, onde por vezes poderão existir formas de violência simétricas e noutros não (Johnson, 1995).

Num terceiro momento, procurámos perceber de que forma se caracterizava o ambiente familiar dos nossos participantes, no que diz respeito aos

comportamentos violentos exibidos nesse mesmo contexto, segundo o ponto de vista dos próprios. Conseguimos apurar que o ambiente familiar da grande maioria (80.8%) dos participantes deste estudo (505), já foram vítimas ou já testemunharam violência interparental.

Foram identificadas no contexto familiar dos participantes a ocorrência de várias tipologias de violência que incluem nomeadamente a violência emocional (e.g., ameaçar que vai magoar seriamente alguém, dizer coisas que envergonhem muito uma pessoa, dizer que destrói ou destruir mesmo qualquer coisa de valor), o controlo (e.g., não deixar conversas com certas pessoas, estar sempre a controlar tudo, ter ciúmes ou desconfiar muito de alguém), a coerção (e.g., pôr uma pessoa fora de casa, ameaçar com separações de pessoas da família) e a violência física (e.g., atirar com coisas contra uma pessoa de propósito, dar pontapés ou murros numa pessoa). Os nossos resultados vão de encontro, em grande medida, ao apurado por outros estudos internacionais e nacionais (e.g., Car & Vandeusen, 2002; Oliveira, 2009), e os quais têm comprovado que os indivíduos geralmente estão expostos a ambientes caracterizados por altas taxas de violência interparental.

Com resultados um pouco semelhantes, a investigação de Kim, Kim e Choi (2014) que 41% da sua amostra já tinha sido vítima de violência interparental e ainda 44% referiu ter estado exposto a violência interparental.

Contudo, nesta relação entre a exposição à violência interparental e o sexo dos participantes, não encontramos nenhuma relação entre ambas.

Após termos caracterizado as relações amorosas dos nossos participantes e o seu ambiente familiar, procurámos perceber a relação que existia entre a exposição a comportamentos interparentais abusivos e a violência no namoro. Assim na nossa

amostra concluímos que, respeitante ao padrão de perpetração, os indivíduos que tenham experienciado ou testemunhado atos de abuso emocional, controlo e coerção perpetraram nas suas relações amorosas violência, nomeadamente a violência psicológica e o abuso físico sem sequelas. Relativamente à vitimação, os nossos indivíduos que estiveram expostos ou testemunharam violência interparental, nomeadamente o abuso emocional, a coerção, o controlo e o abuso físico, nas suas relações sofreram de vitimação, particularmente o abuso físico sem sequelas, coerção sexual e o abuso físico com sequelas. Os nossos dados corroboram, em grande medida, a literatura, tanto a internacional (e.g., Arriaga & Foshee, 2004; Black, Sussman, & Unger, 2010; Car & Vandusen, 2002; Cui, Durtschi, Donnelland, Lorenz, & Conger, 2010; Douglas & Straus, 2006; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Gover, Park, Tomisch & Jennings, 2011; Jankoski, Leitenberg, Henning, & Coffey, 1999; Kim, Kim, & Choi, 2014; Kingsfogel & Grych, 2004; Laporte, Jiang, Pepler, & Chamberland, 2011; Makin – Byrd & Bierman, 2013; Milletich, Kelley, Doanne, & Pearson, 2010; O’Keefe, 1998; Rich, Gidycz, Warkentin, Loh, & Weiland, 2005; Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013; Wolfe, Wekerle, Scoot, Straatman, & Grasley, 2004) como a nacional (Doroteia, 2013; Oliveira, 2009; Oliveira, 2014), que defendem que os indivíduos que estão expostos ou testemunhem violência interparental tendem a replicar esses mesmos comportamentos nas suas relações.

Na literatura, estudos permitem afirmar que, quanto maior for a violência (tanto perpetração como vitimação) nos relacionamentos amorosos, maior também vão ser os comportamentos violentos sinalizados por esses nos seus contextos

familiares. Demonstrando assim o impacto que a violência interparental representa para os jovens e para as suas relações de namoro (Oliveira, 2014).

Surge também frequentemente relatado que os participantes expostos ou vítimas de violência interparental, mostravam maior suscetibilidade em recorrer ou ser vítima de violência nas suas relações amorosas, quer em relações na juventude como também na fase adulta (Gómez, 2011). Como nos sugere a investigação de Jankowski, Scott, Wekerle e Pittman (2001) que na sua amostra 32% daqueles que sofreram de violência interparental também foram vítimas de violência no namoro. Ou então, como afirmado por Foshee e colaboradores (2005), que quem sofreu de violência de forma intencional na infância, possuía mais frequentemente comportamentos de perpetração de violência no namoro.

Efetivamente, a exposição ou vitimação de violência na família tem sido identificado como um importante fator de risco para a experienciação de violência no namoro (Caridade & Machado, 2010). Tais dados reforçam o argumento da Teoria da Aprendizagem Social, que refere que a observação de comportamentos violentos no contexto familiar origina no indivíduo atitudes, crenças e normas sobre a violência. Deste modo, a violência interparental irá, através da modelagem, influenciar os comportamentos dos jovens nas suas relações amorosas (Oliveira, 2014), algo que importa considerar na delineação das políticas de intervenção e prevenção destes fenómenos.

Contudo, a ausência de certezas mais consistentes em relação à transmissão intergeracional de violência, deve-se ao facto da existência de problemas metodológicos (e.g., a investigação centrar-se em relatos retrospectivos de episódios

de violência na infância em vez de relatos prospectivos, recolha de amostras por conveniência).

5. Conclusões

Ao procurar estudar a relação entre a experiência de violência nas relações amorosas e a violência experienciada no contexto familiar, o presente estudo pretendeu contribuir para o aumento do conhecimento nesta matéria de forma a poder informar a prática interventiva. Efetivamente, a literatura internacional sobre esta matéria é vasta e o mesmo não se sucedendo no contexto português, registando-se até ao momento de realização deste trabalho, apenas um outro estudo neste domínio (Oliveira, 2014). Assim sendo e tomando em consideração as evidências científicas internacionais que documentam a intergeracionalidade da violência, a delimitação deste tipo de estudos no contexto português constitui uma necessidade premente de forma a poder extrair conhecimentos úteis para a prática preventiva destes fenómenos.

Os resultados do presente estudo sugerem que deve existir uma preocupação e necessidade acrescida em abordar este tema. Ficou comprovado que o ambiente familiar possui um papel importante nas dinâmicas amorosas. Urge, pois, uma atenção redobrada sobre este assunto, procurando-se a sinalização precoce deste tipo de casos, bem como a implementação de medidas quer de prevenção quer de intervenção e que possam romper definitivamente com este ciclo de violência que a literatura da especialidade tem vindo a demonstrar.

O presente estudo reúne, contudo, algumas limitações sobre as quais importa refletir.

Desde logo, identificamos o facto de se tratar de um estudo exploratório, não permitindo pois generalizar os nossos resultados para a restante população portuguesa. A forma seleccionada para a recolha da amostra – *online* – que apesar das diversas vantagens (e.g. rápida e célere recolha, acesso a uma maior diversidade de população, custos reduzidos), apresenta também algumas desvantagens (e.g., difícil motivação de possíveis participantes, aquando de alguma dúvida ser difícil um esclarecimento). Além disso, o recurso a medidas de autorrelato tem igualmente inerente algumas fragilidades, por ser suscetível à desejabilidade social que poderá influenciar nas respostas e consequentemente nos resultados obtidos (Oliveira, 2014).

Acresce ainda o desfasamento da amostra em termos de género, o que poderá ter interferido de alguma forma com os nossos resultados. E, por último, o facto de, por questões de tempo, não ter sido possível a realização de outras análises estatísticas mais complexas (análises de regressão) e que eventualmente possibilitariam obter uma maior compreensão da relação entre experienciar violência no namoro e violência no contexto familiar.

Face a estas limitações, torna-se pois importante que se continue apostar no desenvolvimento de estudos neste âmbito. Reconhecemos que seria pertinente ainda apostar na realização de estudos longitudinais, que ajudassem a compreender melhor a intergeracionalidade da violência.

Por fim, como implicações para a prática preventiva, torna-se pois claro a necessidade de se continuar a apostar na prevenção precoce deste fenómeno, envolvendo não só os jovens, mas outros agentes educativos (pais, professores, pares), promovendo junto de todos uma mensagem de intolerância a qualquer forma

de violência seja em que contexto for (casa, escola, relações) (Caridade, Saavedra, & Machado, 2012).

Referências

- Arriaga, X. & Foshee, V. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends, or their parents, footsteps? *Journal of Interpersonal Violence, 19* (2), 162 – 184. Doi: 10.1177/0886260503260247
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. (1963). Imitation of film - mediated aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 66* (1), 3 – 11.
- Bandura, A. (1971). *Social learning theory*. New York: General learning press.
- Barros, S. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas*. Dissertação de mestrado em Medicina Legal (não publicada). Universidade do Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Black, D., Sussman, S., & Unger, J. (2010). A further look at the intergenerational transmission of violence: Witnessing interparental violence in emerging adulthood. *Journal of Interpersonal Violence, 25* (6), 1022 – 1042. Doi: 10.1177/0886260509340539
- Breslin, F., Riggs, D., O’Leary, K., & Arias, I. (1990). Family precursors: expected and actual consequences of dating aggression. *Journal of Interpersonal Violence, 5* (2), 247 – 258.
- Callahan, M., Tolman, R., & Saunders, D. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research, 18* (6), 664-681. Doi: 10.1177/0743558403254784
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, XXIV*, 485 – 493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2010). Violência na intimidade juvenil: prevalência, fatores de risco e atitudes. In C. Machado (Coord.), *Novas formas de vitimação criminal* (pp.13-60). Braga: Psiquilibrios.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas. Uma abordagem científica*. Braga: Editora Almedina.
- Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: práticas nacionais e internacionais. *Análise Psicológica, 1-2*, pp. 131- 142.

- Caridade, S. & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia, XXVII*, 91 – 113.
- Carr, J. & Vandusen, K. (2002). The Relationship between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of interpersonal violence, 17* (6), 630 – 646.
- Castañeda, M., Grande, A., Díez – Gañan, L., Sonego, M., & Gavín, M. (2014). Violencia de pareja en jóvenes de 15 a 16 años de la comunidade de Madrid. *Revista Española de Salud Pública, 88*, 639 – 652.
- Cercone, J., Beach, S., & Arias, I. (2005). Gender symmetry in dating violence: does similar behavior imply similar constructs? *Violence and Victims, 20*, 207 – 218.
- Cóllin – Vézina, D., Hébert, M., Manseau, H., Blais, M., & Fernet, M. (2006). Self – concept and dating violence in 220 adolescent girls in the Child Protective System. *Child Youth Care Forum, 35*, 319–326. Doi: 10.1007/s10566-006-9019-6
- Costa, I. (2006). O abuso e as crenças sobre a violência nas relações amorosas de estudantes universitários. *Monografia de conclusão de licenciatura em Psicologia*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Cuevas, C., Sabina, C., & Bell, K. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among a national sample of latino youth. *Journal of Adolescent Health, 55*, 564 – 570.
- Cui, M., Durtschi, J., Donnellan, M., Lorenz, F., & Conger, R. (2010). Intergenerational transmission of relationship aggression: a prospective longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 24* (6), 688 – 697. Doi: 10.1037/a0021675
- D’Abreu, L., Krahé, B., & Bazan, M. (2013). Sexual aggression among brazilian college students: Prevalence of victimization and perpetration in men and women. *Journal of Sex Research, 50* (8), 795 – 807. Doi: 10.1080/00224499.2012.702799

- Dardis, C., Dixon, K., Edwards, K., & Turchik, J. (2015). An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: a review of the literature. *Trauma Violence & Abuse*, 16 (2), 136 - 152. Doi: 10.1177/1524838013517559
- Doroteia, J. (2013). *Violência no namoro: atitudes legitimadoras e exposição ao conflito interparental*. Dissertação de mestrado em Psicologia Forense e Criminal (não publicada). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz.
- Douglas, E. & Straus, M. (2006). Assault and injury of dating partners by University students in 19 Countries and its relation to corporal punishment experienced as a child. *Journal of Criminology*, 3 (3), 293 - 318. DOI: 10.1177/1477370806065584
- Ehrensaft, M., Cohen, P., Brown, J., Smailes, E., Chen, H., & Johnson, J. (2003). Intergenerational transmission of partner violence: A 20-Year prospective study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71 (4), 741–753. Doi: 10.1037/0022-006X.71.4.741
- Ehlert, C. M. (2007). *Adolescent dating violence: a review of literature on development, prevalence, perceptions, help seeking and prevention programs*. (Master of Science Degree in Education) University of Wisconsin – Stout. Menomonie.
- Fehringer, J. & Hindin, M. (2009). Like parent, like child: Intergenerational transmission of partner violence in Cebu, Philippines. *Journal of Adolescent Health*, 44 (4), 363 – 371. Doi: 10.1016/j.jadohealth.2008.08.012
- Fernández - González, L., O’Leary, K., & Muñoz – Rivas, M. (2014). Age – related changes in dating aggression in Spanish High School Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 29 (6), 1132 – 1152. Doi: 10.1177/0886260513506057
- Ferreira, M. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia (não publicada). Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.

- Follette, V. & Alexander, P. (1992). Dating violence: Current and historical correlates. *Behavioral Assessment, 14*, 39 – 52.
- Foshee, V. (1996). Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types and injuries. *Health Education Research, 11* (3), 275 – 286.
- Foshee, V., Ennett, S., Bauman, K., Benefield, T., & Suchidran, C. (2005). The association between family violence and adolescent dating violence onset: Does it vary by race, socioeconomic status, and family structure? *Journal of Early Adolescence, 25*, 317 – 344. Doi: 10.1177/0272431605277307
- Franklin, C. & Kercher, G. (2012). The intergenerational transmission of intimate partner violence: Differentiating correlates in a random community sample. *Journal of Family Violence, 27*, 187 – 199. Doi: 10.1007/s10896-012-9419-3
- Furman, W., & Wehner, E. (1997). Adolescent romantic relationships: a development perspective. *New Directions for Child Development, 78*, 21-36.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing, 32* (2), 227 – 238. Doi: 10.1177/0884217503252033
- Gómez, A. (2011). Testing the cycle of violence hypothesis: child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. *Youth & Society, 43* (1), 171 -192.
- Gover, A., Kaukinen, C., & Fox, K. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence, 23*, 1667 – 1693. Doi: 10.1177/0886260508314330
- Gover, A., Park, M., Tomsich, E., & Jennings, W. (2011). Dating violence perpetration and victimization among South Korean college students: a focus on gender and childhood maltreatment. *Journal of Interpersonal Violence, 26* (6), 1232 – 1263. Doi: 10.1177/0886260510368161
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2013). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. Cescontexto.

- Herrera, V., Wiersma, J., & Cleveland, M. (2008). The influence of individual and partner characteristics on the perpetration of intimate partner violence in young adult relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 284 – 296. Doi: 10.1007/s10964-007-9249-4
- Hickman, L., Jaycox, L., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5 (2), 123 – 142.
- Jankowski, M., Leitenberg, H., Henning, K., & Coffey, P. (1999). Intergenerational transmission of dating aggression as a function of witnessing only same sex parents vs. opposite sex parents vs. both parents as perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 14 (3), 267 – 279.
- Kim, J., Kim, H., & Choi, J. (2013). Family violence and dating violence in Korea. *Journal of Family Violence*, 29, 23 – 33. Doi: 10.1007/s10896-013-9556-3
- Kinsfogel, K. & Grych, J. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal of Family Psychology*, 18 (3), 505 – 515. Doi: 10.1037/0893-3200.18.3.505
- Laporte, L., Jiang, D., Pepler, D., & Chamberland, C. (2011). The relationship between adolescents experience of family violence and dating violence. *Youth & Society*, 43 (1), 4 – 27. Doi: 10.1177/0044118X09336631
- Leen, E., Sorbring, E., Mawer, M., Holdsworth, E., Helsing, B., & Bowen, E. (2014). Prevalence, dynamic risk factors and the efficacy of primary interventions for adolescent dating violence: An international review. *Aggression and Violent Behavior*, 18, 159 – 174.
- Lucas, S. (2002). A agressividade no namoro de adolescentes. *Dissertação do II curso de mestrado na especialidade de sexologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Magdol, L., Moffitt, T., Caspi, A., Newman, D., Fagan, J., & Silva, P. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.

- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30, 97- 102.
- Makin- Byrd, K. & Bierman, K. (2013). Individual and family predictors of the perpetration of dating violence and victimization in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42, 536 – 550. Doi: 10.1007/s10964-012-9810-7.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M.J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e prática*, 8 (1), 55-75.
- Mendes, F. (2006). *Percursos da violência: Da família de origem à conjugalidade. Um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior*. Dissertação de mestrado em Psicologia (não publicada). Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Milletich, R., Kelley, M., Doane, A., & Pearson, M. (2010). Exposure to interparental violence and childhood physical and emotional abuse as related to physical aggression in undergraduate dating relationship. *Journal of Family Violence*, 25, 627 – 637. Doi: 10.1007/s10896-010-9319-3
- Moura, G. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais*. Dissertação de mestrado em Psicologia (não publicada). Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Muñoz – Rivas, M., Graña, J., O’Leary, D., & González, P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40, 298 – 304.
- O’Donnell, L., Stueve, A., Myint – U, A., Duran, R., Agronick, G., & Wilson – Simmons, R. (2006). Middle school aggression and subsequent intimate partner physical violence. *Journal of Youth and Adolescent*, 35, 693 – 703. Doi: 10.1007/s10964-006-9086-x
- O’Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13 (1), 39 – 57.
- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.),

Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEEd).

- Oliveira, M. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro.* Dissertação de mestrado em Ciências Forenses (não publicada). Universidade do Porto.
- Oliveira, M. (2014). *Transmissão intergeracional da violência: o contexto familiar, as relações de intimidade e as crenças dos jovens.* Dissertação de doutoramento em Ciências Sociais - Psicologia (não publicada). Universidade do Porto.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4 (2), 165 – 184.
- Paiva, C & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75 – 107.
- Perry, A. & Fromuth, M. (2005). Courtship violence using couple data. Characteristics and perceptions. *Journal of Interpersonal Violence*, 20, 1078 – 1095.
- Rich, C., Gidycz, C., Warkentin, J., Loh, C., & Weiland, P. (2005). Child and adolescent abuse and subsequent victimization: A prospective study. *Child Abuse & Neglect*, 29, 1373 – 1394. Doi: 10.1016/j.chiabu.2005.07.003
- Richards, T. & Branch, K. (2012). The relationship between social support and adolescent dating violence: a comparison across genders. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (8), 1540 – 1561. Doi: 10.1177/0886260511425796
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femininas (12-24 años). *Salud Pública de México*, 48, 288-296.
- Rivera-Rivera, L., Allen-Leigh, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescent dating violence: baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Preventive Medicine*, 44, 477- 484.

- Smith, H., White, J., & Holland, L. (2003). A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college – age women. *American Journal of Public Health, 93* (7), 1104 – 1109.
- Spinney, C., Goforth, E., & Cohn, E. (s/data). Factors influencing the reporting of dating prevalence. 1-12
- Stonard, K., Bowen, E., Lawrence, T., & Price, S. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: a research synthesis. *Aggression and Violent Behavior, 19*, 390 – 417.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10* (7), 790 – 811. Doi: 10.1177/1077801204265552
- Temple, J., Shorey, R., Tortolero, S., Wolfe, D., & Stuart, G. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect, 37* (5), 343–352. Doi: 10.1016/j.chiabu.2013.02.001
- Tschann, J., Pasch, L., Flores, E., Marin, B., Baisch, M., & Wibbelsman, C. (2009). Nonviolent aspects of interparental conflict and dating violence among adolescents. *Journal of Family Issues, 30* (3), 295 – 319. Doi: 10.1177/0192513X08325010
- Umana, J., Fawole, O., & Adeoye, I. (2014). Prevalence and correlates of intimate partner violence towards female students of the University of Ibadan, Nigeria. *BMC Women's Health, 14* (131), 1 – 8.
- Vagi, K., Rothman, E., Latzman, N., Tharp, A., Hall, D., & Breiding, M. (2013). Beyond correlates: A review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *Journal of Youth and Adolescence, 43*, 633 – 649. Doi: 10.1007/s10964-013-9907-7
- Wekerle, D., Scott, K., Straatman, A., & Grasley, C. (2004). Predicting abuse in adolescents dating relationships over 1 year: the role of child maltreatment and trauma. *Journal of abnormal psychology, 113* (3), 406 – 413. Doi: 10.1037/0021-843X.113.3.406

Wolfe, D., Scott, K., Wekerle, C., & Pittman, A. (2001). Child maltreatment: risk of adjustment problems and dating violence in adolescence. *Journal of the American Academy of Child e Adolescent Psychiatry*, 40 (3), 282 - 289.

Wolfe, D., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., & Grasley, C. (2004). Predicting abuse in adolescent dating relationships over 1 year: the role of child maltreatment and trauma. *Journal of Abnormal Psychology*, 113 (3), 406 – 415. DOI: 10.1037/0021-843X.113.3.406

Anexos

Anexo A – Escala de Táticas de Conflitos Revisada (CTS)

Independentemente de duas pessoas se darem bem ou não, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm quezílias ou brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão.

As pessoas têm também formas diversas de tentarem resolver as suas diferenças. A seguir, encontrará uma lista de coisas que podem acontecer quando duas pessoas têm diferenças. Por favor, assinale quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, você tenha feito cada uma dessas coisas e, também, quantas vezes aconteceu que, de há um ano para cá, o seu companheiro o fizesse. Se não aconteceu que você, ou o seu companheiro/a, tenha feito qualquer uma dessas coisas no último ano, mas isso já aconteceu antes, marque um “7” na folha de resposta para a questão correspondente. Se isso nunca aconteceu, marque um “8” na folha de resposta.

Quantas vezes isto aconteceu?

1 = Uma vez, de há um ano para cá

2 = 2 vezes, de há um ano para cá

3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá

4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá

5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá

6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá

7 = Não de há um ano para cá, mas isso já aconteceu antes

8 = Isso nunca aconteceu

1. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos

2. O meu companheiro/a mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos

3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista

4. O meu companheiro/a explicou-me o seu ponto de vista numa discussão

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

5. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a

6. O meu companheiro/a fez isso comigo

7. Atirei ao meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar

8. O meu companheiro/a fez isso comigo

9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro/a

10. O meu companheiro/a fez isso comigo

11. Tive um entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro/a

12. O meu companheiro/a teve um entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo

13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro/a acerca de um assunto

14. O meu companheiro/a mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto

15. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo

16. O meu companheiro/a fez isso comigo

17. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a

18. O meu companheiro/a fez isso comigo

19. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo

20. O meu companheiro/a fez isso comigo

21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a

22. O meu companheiro/a fez isso comigo

23. Desmaiei porque o/a meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta

24. O meu companheiro/a desmaiou porque eu o/a atingi na cabeça durante uma luta

25. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a

26. O meu companheiro/a chamou-me de gorda/o ou feia/o

27. Esmurrei ou bati no meu companheiro/a com algo que o poderia magoar

28. O meu companheiro/a fez isso comigo

29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro/a

30. O meu companheiro/a fez isso comigo

31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a

32. O meu companheiro/a foi ao médico por causa de uma luta comigo

33. Tentei estrangular o meu companheiro/a

34. O meu companheiro/a fez isso comigo

35. Gritei ou berrei ao meu companheiro/a

36. O meu companheiro/a fez isso comigo

37. Atirei o meu companheiro/a contra a parede

38. O meu companheiro/a fez isso comigo

39. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

40. O meu companheiro/a disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema

41. Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro/a, mas não o fiz

42. O meu companheiro/a precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez

43. Dei uma tarefa no meu companheiro/a

44. O meu companheiro/a fez isso comigo

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

45. Agarrei à força o meu companheiro/a

46. O meu companheiro/a fez isso comigo

47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo

48. O meu companheiro/a fez isso comigo

49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento

50. O meu companheiro/a fez isso comigo

51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro/a não queria (mas não usei força física)

52. O meu companheiro/a fez isso comigo

53. Dei uma bofetada ao meu companheiro/a

54. O meu companheiro/a fez isso comigo

55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro/a

56. O meu companheiro/a teve uma fractura devido a uma luta comigo

57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo

58. O meu companheiro/a fez isso comigo

59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento

60. O meu companheiro/a sugeriu um acordo

61. Queimei ou escaldei o meu companheiro/a de propósito

62. O meu companheiro/a fez isso comigo

63. Insisti com o meu companheiro/a para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)

64.O meu companheiro/a fez isso comigo

65.Acusei o meu companheiro/a de ser um mau amante

66.O meu companheiro/a acusou-me disso

67.Fiz algo para enfurecer o meu companheiro/a

68.O meu companheiro/a fez isso comigo

69.Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro/a

70.O meu companheiro/a fez isso comigo

71.Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a

72.O meu companheiro/a sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos

73.Dei pontapés no meu companheiro/a

74.O meu companheiro/a deu-me pontapés

75.Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo

76.O meu companheiro/a fez isso comigo

77.Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro/a para um desentendimento

78.O meu companheiro/a concordou em tentar uma solução que eu sugeri

79.Se bateu no seu companheiro/a, ou se o seu companheiro/a lhe bateu, pense na última vez em que isso aconteceu. Quem foi o primeiro a bater?

1= eu bati primeiro

2= o meu companheiro/a bateu primeiro

3= isso nunca aconteceu

Anexo B – Escala de Sinalização do Ambiente Natural Infantil (S.A.N.I.)

SINALIZAÇÃO DO AMBIENTE NATURAL INFANTIL (S.A.N.I.)

SANI, A. (2003)

INSTRUÇÕES: Primeiro, pedia-te que preenchesse o quadro com os teus dados pessoais, do qual não consta o nome, o que significa que estás a preencher um documento anónimo.

A seguir está uma lista de acontecimentos que algumas crianças dizem ter visto em casa. Lê cada frase com atenção e faz um círculo no número que na tua opinião melhor descreve o que aconteceu em tua casa neste último ano. Depois, na coluna com quadradinhos, diz a quem fizeram aquilo que acabaste de ler, pondo uma (X) cruz no quadrado correspondente. Tenta responder a todas as questões, escolhendo só uma das hipóteses que te apresentamos.

0 = Nunca (nenhuma vez)

1 = Poucas vezes (1 ou 2 vezes nesse ano)

2 = Às vezes (+ de 2 ou 3 vezes nesse ano)

3 = Muitas vezes (cerca de 1 vez por mês)

4 = Quase sempre (+ de 1 vez por mês)

EM MINHA CASA, NESTE ÚLTIMO ANO, EU JÁ VI ou OUVI . .

A quem fizeram?

A um adulto A uma criança

| | | | |
|--|-----------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Insultar ou chamar nomes feios a uma pessoa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Atirar com coisas contra uma pessoa de propósito. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Ameaçar que vai magoar seriamente alguém. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. Pôr uma pessoa fora de casa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Não deixar conversar com certas pessoas (ex: amigos, familiares). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Gritar muito e muito alto com alguém. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Não deixar fazer tarefas que têm de ser feitas (ex: trabalhos de casa, arrumações, compras). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

| | | | |
|---|-----------|--------------------------|--------------------------|
| 8. Obrigar uma pessoa a trabalhar muito. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. Dizer coisas que envergonhem muito uma pessoa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. Obrigar uma pessoa a fazer tudo o que se quer como se fosse um(a) criado(a). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11. Bater ou tentar bater com coisas em alguém. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12. Não dar dinheiro para as despesas da casa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13. Obrigar a guardar segredo de coisas feias ou más. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14. Estar sempre a controlar tudo (ex: o que se compra, o que se come ou bebe). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15. Dar pontapés ou murros numa pessoa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16. Gozar ou rir de alguém para a fazer sentir-se mal. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17. Prender alguém para não se poder mexer do sítio. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18. Não deixar sair uma pessoa de casa para alguns sítios. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19. Prender alguém numa parte da casa (ex: quarto). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20. Deixar de falar com uma pessoa durante algum tempo. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21. Dizer que destrói ou destruir mesmo qualquer coisa de valor (ex: roupas, objectos, etc.). | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22. Ameaçar com separações de pessoas da família | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23. Perseguir ou seguir uma pessoa para onde quer que esta pessoa vá. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 24. Fazer acusações que não são verdadeiras só para magoar uma pessoa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 25. Meter medo a uma pessoa com armas ou outros objectos perigosos. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 26. Obrigar uma pessoa a fazer coisas feias ou que a envergonham. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 27. Ter ciúmes ou desconfiar muito de alguém. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 28. Puxar ou empurrar alguém com força até essa pessoa cair. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Relação entre Violência nas Relações de Namoro e Violência no Contexto Familiar

- | | | | |
|--|-----------|--------------------------|--------------------------|
| 29. Levar à força uma pessoa para certos sítios. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 30. Dizer coisas que assustem muito a pessoa. | 0 1 2 3 4 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Anexo C – Declaração de Consentimento Informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Relação entre violência nas relações de namoro e violência no contexto familiar

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) -----

-----,

compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/_____/20__

Assinatura do participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome: Joana Casaca Faias

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa